

COLEÇÃO APLAUSO CINEMA BRASIL

O CÉU DE SUELY

roteiro de
KARIM AÏNOUZ
FELIPE BRAGANÇA e
MAURÍCIO ZACHARIAS

um filme de
KARIM AÏNOUZ

imprensa oficial

O Céu de Suely

O Céu de Suely

Argumento de
Simone Lima, Karim Aïnouz
e Maurício Zacharias

Roteiro de
Karim Aïnouz, Felipe Bragança
e Maurício Zacharias

imprensaoficial

São Paulo, 2008



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VOCE

Governador José Serra

Imprensa Oficial

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral

Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto

social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as conseqüências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa a resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileira vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira, no tempo e espaço da narrativa de cada biografado.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos extrapolam os simples relatos biográficos, explorando – quando o artista permite – seu universo íntimo e psicológico, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade por ter se tornado artista – como se carregasse desde sempre, seus princípios, sua vocação, a complexidade dos personagens que abrigou ao longo de sua carreira.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente a nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Desenvolveram-se temas como a construção dos personagens interpretados, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Gostaria de ressaltar o projeto gráfico da *Coleção* e a opção por seu formato de bolso, a facilidade para ler esses livros em qualquer parte, a clareza de suas fontes, a iconografia farta e o registro cronológico de cada biografado.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que nesse universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo





Roteiro

Roteiro original de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

FADE IN:

1 – INT. SÃO PAULO / ÔNIBUS – NOITE

Plano aéreo de São Paulo. Uma megalópole sem fim, um mar de luzes a perder de vista.

Motor ligado. Choro baixinho de criança. Trânsito intenso.

A janela de um ônibus no escuro. Lá fora as luzes coloridas de uma cidade grande, buzinaço e

rugidos de motor. O ônibus parado, engarrafamento. Ao longe, através do vidro, imensas antenas de TV e uma cidade gigantesca, a terceira maior do planeta.

No breu, vemos Suely – uma jovem de 20 anos – com a cabeça encostada no vidro da janela, olhos bem abertos, vestindo um casaco, cachecol de lã e sentada bem ao fundo do ônibus.

Suely tem um bebê chorando em seu colo – Italo Júnior – e respira perto da janela, olhar atento. Sua respiração deixa o vidro embaçado e ela limpa com a palma da mão. O bebê continua chorando de leve. Buzinas lá fora.

Os sons do trânsito continuam invadindo o ônibus. Suely aproxima o rosto do menino – sua boca quase toca a boca dele... bem de perto, no breu. O menino chora de leve.

SUELY

Ssshhh... Sssh... Ssshhh...

2 – INT. ÔNIBUS / ESTRADA – DIA

Sol amarelo na janela. Uma estrada sinuosa banhada por uma luz doce e dourada.

Uma paisagem de colinas, diferentes tons de verde. Poucas habitações. O ônibus segue em grande velocidade.

Suely está dormindo, o braço escondendo seu rosto da luz intensa.

Agora é Suely que se reflete na janela.

Italo Júnior dorme na poltrona a seu lado, deitado entre uma mochila e uma bolsa de bebê.

Silêncio. Apenas o motor do ônibus e um diálogo abafado de aparelhos de TV.

3 – INT. ÔNIBUS / ESTRADA SERTÃO – NOITE

Escuridão. O ônibus segue – lá fora, uma estrada vazia e escura. Suely está acordada olhando para fora, Italo Júnior dormindo a seu lado. Alguns poucos feixes de luz invadem o ônibus.

CORTA PARA:

Agora, Suely está de pé, na parte de trás do ônibus, com a porta do banheiro aberta e a mão direita esticada para dentro – ansiedade. Suely observa Italo Júnior dormindo sozinho na poltrona, coberto por seu casaco. Estica a cabeça para dentro do banheiro – vemos fumaça.

Suely está fumando. Solta a fumaça para dentro do banheiro e volta a olhar seu menino. Fica assim, dividida entre a fumaça, que começa a encher o cubículo iluminado do banheiro, e o corredor escuro onde seu filho dorme.

O ônibus balança na estrada esburacada. Suely se segura. Italo Júnior quieto.

Suely entra no banheiro. Apaga o cigarro na minipia. Puxa a porta com força. Escuridão completa.

4 – EXT. ESTRADA / ÔNIBUS – DIA

Um jorro de luz.

Sol a pino. Sol branco. O ônibus segue em alta velocidade por uma estrada esburacada, no meio de uma grande planície. Quase nenhum outro veículo.

Suely no ônibus, vento na janela – enfado e tédio. O rosto suado e a pele oleosa. Suely leva Italo Júnior bem apertado junto ao peito. Mãe na mão. Hipnotizada pela luz. A seu lado, a mochila e a bolsa de bebê, semi-abertas.

Paisagem árida, plana – um quase deserto. Vegetação de arbustos ressecados, e um céu azul, muito azul, com nuvens que flutuam aqui e acolá. Poderíamos estar na lua num dia de sol e céu claro.

Calor.

5 – EXT. POSTO BARREIRAS – DIA

Sol forte. O ônibus parado em um pátio amplo e vazio de um posto de gasolina à beira da estrada – circundada por uma ampla planície.

Suely está com Italo Júnior no colo e mochila nas costas. Um RAPAÇ abre o porta-malas do ônibus e puxa uma mala de náilon azul, imensa. Atrás dela, descem 3 PASSAGEIROS.

CORTA PARA:

Suely está sentada no degrau de uma pequena escadaria na frente do posto. Menino no colo, mochila, mala de náilon azul a seus pés. Suely se abana e observa a estrada. Nada. Só o sol e o asfalto.

CORTA PARA:

Céu azul. Ruído de moto ao longe (*off*). Suely continua sentada, olhos quase fechando, Italo Júnior no colo.

Uma MOTOCICLETA vem aproximando-se, dirigida orgulhosamente por uma mulher de capacete, IVONETE. Ela pisa no descanso e salta da moto, aproximando-se de Suely, sem tirar o capacete.

Ela chega até Suely, devagar. Suely começa a abrir os olhos. Ivonete assobia: fiu-fiu.

Suely abre os olhos devagar – olhos brilhando – fixam em Ivonete, como que vendo uma miragem.

SUELY

Saudade.

IVONETE

Disse que vinha?... Tô aqui.

15

SUELY

Tô vendo... Tou podre, tia.

Suely se levanta ainda zonzinha de sono. Ivonete pega Italo Júnior no colo e olha para ele com carinho.

IVONETE

Nem acredito no que estou vendo... Italo. Coisa mais linda do mundo.

SUELY

Italo Júnior Ferreira Tavares. Tem os olhos do pai.

Suely ajeita a mochila nas costas, olha a moto da tia.

SUELY

Comprou uma moto, foi?

IVONETE

Emprestada. Pra botar banca pra sobrinha.

Ivonete entrega o menino a Suely e pega a mala de náilon azul do chão, está pesada.

IVONETE

Vamo?

SUELY

Vamo... Moto linda mesmo.

16

Ivonete arruma a mala na moto. Suely espera, obsevando de perto – observa a tia, com carinho. Ivonete tenta subir com dificuldade – a mala é grande. Ivonete ri.

IVONETE

Linda, mas é o seguinte: vamo ter que fazer duas viagem...

CORTA PARA:

Ronco de moto ao longe. Suely de pé, Italo Júnior no colo, à beira da estrada. Ivonete parte de moto, mala azul amarrada atrás, acena animada para a sobrinha. Some na estrada.

6 – INT. CASA ROSÁRIO – DIA

Tarde. Calor – sol lá fora. Uma sala pequena – paredes de alvenaria e alguns poucos móveis. Ao fundo, uma voz (*off*) murmura uma cantiga de ninar.

Suely está sentada em uma cadeira, diante de uma mesa: come com a avidez de quem não vê comida há dias. Ivonete, sentada à sua frente, também come, devagar, observando a sobrinha.

Nas paredes encardidas ao fundo, em outro canto da sala, prateleiras praticamente vazias e dois antigos POSTERS DE BRUCE LEE.

ROSÁRIO, uma jovem senhora, entra embalando Italo Júnior, enrolado numa pequena toalha. Ela tem 50 anos, cabelo pintado de preto com a raiz branca.

ROSÁRIO

Acho que ele gostou do banho. Já capotou, o bichinho.

SUELY

(de boca cheia) Obrigado, minha vó.

ROSÁRIO

E é grande o menino, daqui a pouco já vai tá andando por aí...

SUELY

Tem que esquentar a mamadeira... Isso come, que só vendo.

ROSÁRIO

E esses peito, aí?

SUELY

Secou.

Rosário fica olhando para a neta com o olhar de repreensão. Suely tenta desviar o olhar. Ivonete olha para as duas.

SUELY

Secou, vó. De verdade (mudando de tom)
E Júnior gosta mesmo é de leite em pó –
não quer outra coisa da vida...

O bebê solta um pum. ROSÁRIO reage.

ROSÁRIO

(sorridente) Saúde, hein filho? Pega lá uma
fralda antes que ele me cague toda.

Suely bota mais uma colherada na boca, levanta-se e sai. Ivonete termina de comer, em silêncio – feliz.

7 – INT. CASA DE ROSÁRIO / QUARTO – DIA

Um quarto pequeno, um armário de madeira envelhecida. Luz apagada – claridade que entra pela janela entreaberta. Duas camas de solteiro, encostadas nas paredes.

Suely adormecida em uma das camas. As bolsas da viagem, jogadas a seu lado. Uma fralda na mão.

ROSÁRIO entra devagar com Italo Júnior no colo, e se senta ao lado da neta na cama. Pega a fralda com cuidado para não acordar a neta e fica ali observando – faz um carinho na cabeça de Suely, enquanto nina o menino com o outro braço. Olhar firme no rosto da neta.

8 – EXT. CASA DE ROSÁRIO – NOITE

Choro leve do bebê. Fachada da casa de Rosário. Suely está sentada no meio-fio, dando mamadeira para o filho e observando a seu redor:

Uma rua sem árvores, empoeirada, com casas muito simples, pequenas, parecidas umas com as outras. Nenhum movimento, só os poucos postes acesos. Suely tenta apaziguar Italo Júnior – o menino continua choroso.

Ivonete chega à porta da casa, se encosta no portal, fumando um cigarro, fica um tempo olhando a sobrinha.

IVONETE

Isso é toda noite, é?

SUELY

(entre o carinho e a raiva) Às vezes eu acho que vou correr doida. Dá vontade de largar essa coisa no mato...

Suely balançando o menino. Ivonete sai e vem sentar-se ao lado de Suely. Suely olha a seu redor.

SUELY

A casa da dona Neuma... Pintaram de verde, de novo.

IVONETE

E você queria o quê?

SUELY

Não sei, tia. Tanta cor.

IVONETE (CARINHOSA)

Que nem esse teu cabelo de tomate...

SUELY

Gostou?

Suely sorri.

IVONETE

Gostei... Dia desses, eu fico loura.

20

Suely ri de leve.

SUELY

E vó?

IVONETE

Que é que tem?

SUELY

Achei ela meio cansada. Nem parece que gostou de me ver...

IVONETE

Pois olhe que fazia tempo que ela não cozinhava assim... E agora tá lá revirando o armário, procurando fotografia... (pausa) Não gostou foi do jeito que você saiu daqui, destrambelhada da porra...

SUELY

Era paixão, tia.

IVONETE

E cadê essa paixão toda, que eu não tô vendo?

SUELY

Italo tá vindo, tia... (pausa) Já tô até com saudade.

Suely sorri de leve – olhar de carinho e cumplicidade com a tia. Ivonete joga fora o cigarro, e observa a rua. Suely olha para cima:

As duas mulheres, em silêncio.

POV: Uma multidão de mosquitos voa em torno de uma lâmpada nua, acesa e pendurada por um fio no exterior da casa. Os mosquitos formam uma nuvem circular e dinâmica, num zunido constante.

21

9 – INT. SALA / COZINHA – DIA

Sol forte lá fora. Barulho de fritura.

Rosário frita um ovo no fogão, suando. Radiinho de pilha toca música romântica. Gordura no ar.

Ivonete está deitada na rede – se balançando com um pé na parede; cigarro na mão encostada sobre a cabeça. Italo Júnior, em seu colo.

O som e o cheiro da fritura pela casa. Ivonete olha carinhosa para o menino. A fumaça do cigarro sobrevoa sua cabeça.

10 – EXT. ORELHÃO EM FRENTE – DIA

Sol forte. Um orelhão azul perdido no meio de um descampado vazio, onde ao fundo vemos a casa de Rosário.

Suely está no orelhão, aguarda balançando a perna, ansiosa. Atrás dela, DUAS MULHERES aguardam na fila.

Alguém atende do outro lado.

SUELY

Alô?... Alô?!...Oi! Oi.

(fazendo manha) Cadê você, que não tá



aqui comigo?...

(pausa) É, ué!

(pausa) Chegamo bem, tá tudo certo.

(pausa) Foi... Tia buscou a gente de moto!

Juro! É tão bom, Italo... aquele vento na cara!...

(pausa) Chorou muito... Tá estranhando é esse calor maluco, né? Nosso paulistinha...

(pausa) Se acostuma nada, Italo! Eu não acostumo...

(pausa) Também te amo.

(pausa) Tá bom. Tá bom. Tudo bem por aí?

(pausa) Tá, tá...Liga pro orelhão aqui na frente, tá?

(pausa) Isso. Ó, o cartão tá acabando. Isso. Te adoro...

(pausa) Tchau...Tchau.

23

Suely desliga o telefone – fica um tempo quieta, pensativa, mão no fone.

Sai do orelhão, ajeita o cabelo, vai caminhando em direção a sua casa, lentamente.

Um sol escaldante.

11 – INT. QUARTO DE ROSÁRIO – DIA

Calor. Pequeno ventilador ligado.

Suely está de cabelo molhado, só de calcinha e camiseta, sentada com as pernas sobre sua cama.

De pé, no quarto, mexendo em um armário aberto, está uma jovem de 20 anos – Luciene – que veste um shortinho jeans e uma blusa colada de alcinha.

Suely olha um caderno cheio de anotações e recortes de revistas. Luciene mexe em algumas roupas antigas de Suely, penduradas no armário – onde vemos um pôster muito envelhecido da Madonna.

LUCIENE

Nada disso aqui deve caber mais em ti, né?

SUELY

Até deve porque eu não virei nenhuma gorda, mas tá tudo fora de moda.

24

Suely continua passando as páginas do caderno: ri sozinha, bem menina, relendo as anotações. Luciene observa a alegria de Suely e se senta ao lado da amiga – mexe na mala de náilon, diante da cama. As duas dividem um cigarro.

O caderno está lotado de anotações, fotos de atrizes e cantores famosos, Leonardo Di Caprio, Rick Martin, Rodrigo Santoro. Luciene acha uma foto da menina em São Paulo – levanta diante dos olhos. Suely fuma, pára em uma última página, passa o cigarro para a amiga:

SUELY

(aponta uma foto no caderno) E esse aqui, quem é?

LUCIENE

Butei depois que você foi... (pausa – fumando) Acho bonito.

SUELY

É... bunitinho.

LUCIENE

Esnobenta da porra...(riso) Mas, conte...

SUELY

25

O quê?

LUCIENE

Como é que é os homem lá?

SUELY

Ué... É igual os daqui...

LUCIENE

É nada!

SUELY

Tô dizendo. É tudo igual. (risos).

LUCIENE

E Italo?

SUELY

É igual também... (sorri) É o meu amor.
Você conhece o doido...

Suely fuma.

SUELY

E tu?

LUCIENE

Eu tô de namorado...

SUELY

Bonito?

LUCIENE

É... Alto.

SUELY

E aí?

LUCIENE

É isso só.

SUELY

As coisa tudo no lugar...

LUCIENE

Tudinho. (sorriso)

Suely termina de fumar o cigarro até o filtro – sorriso nos lábios, observa por um tempo Italo Júnior: dormindo deitado na outra cama, do outro lado do quarto. Quietos.

12 – EXT. PRAÇA DE IGUATU – NOITE

Barulho de motos e leve vozerio.

Noite quente. Suely está pintada, lábios vermelhos, rosto iluminado, botas brancas estilo *menina poderosa*, comendo um pote de sorvete. Suely observa o outro lado da rua:

Uma praça do centro de Iguatu, apinhada de jovens da idade dela, conversando, paquerando, caminhando a esmo.

27

Suely caminha pela calçada ainda do outro lado, observa tudo de longe. Vê Luciene conversando com um grupo de três Rapazes, mãos dadas com um deles. Luciene acena para Suely, ela sorri. Os rapazes também acenam. Sorriem.

Suely se senta em um canteiro da praça e observa apenas o movimento. Olhos de criança – toma seu sorvete. Olhos cheios d'água.

13 – EXT. POSTO VENEZA / PIZZARIA – DIA

Sol forte. O grande pátio de um posto envelhecido. Caminhões estacionados e uma fila de motos paradas. Um dormitório. Uma borracharia. Um trailer/bar fechado aquela hora do dia.



À esquerda, uma mureta baixa, demarca uma Pizzaria:

Suely está sentada em uma cadeira, Italo Júnior no colo, diante de uma mesa onde vemos uma garrafa lacrada de uísque vagabundo e uma garrafa de guaraná, com dois copos cheios. Suely aguarda ansiosa.

Um homem, de uns 40 anos, LEANDRO, chega e se senta diante dela, na outra cadeira.

LEANDRO

Fale, menina... E pode tomar do guaraná, que já tá ficando morno. Tô cobrando, não.

SUELY

(pensa um pouco antes de falar) Eu vim procurar o senhor porque eu tô precisando de um serviço...

(coloca uma foto de Italo sobre a mesa) Pra meu marido que tá chegando. Aqui de Iguatu. Lembra dele?

LEANDRO

(olhando a foto) Lembro, não, Suely.
(pausa – olha para ela) De você eu lembro.

Suely sorri. Leandro bebe um pouco de guaraná. Observa a menina. Suely fica sem jeito. Leandro olha a garrafa de uísque a seu lado, sobre a mesa.

LEANDRO

E isso aí, o que é?

SUELY

É rifa. Tia disse que o senhor gosta muito de uísque. Só 1 real, só. Lá de São Paulo.

LEANDRO

E é bom isso aí, é?

SUELY

(brinca) Só ganhando pra saber, né? (sorriso)

LEANDRO

(sorri – gosta dela) Olhe. Tenho nada agora pra seu marido, não. A estrada tá

abandonada, sabe? Pouco caminhão e muito buraco, tá entendendo?
(pausa) Se você quiser, te dou um troco prá tu levar uns folheto aqui da pizza e entregá lá no centro.

SUELY

Troco bom, é? (sorri)

LEANDRO

Se anime muito, não.
(pausa) E me dê dois bilhete dessa rifa, antes que eu desista.

30 Suely sorri, pega um bloquinho de rifa no bolso e destaca uma – anota devagar o nome de Leandro, no canhoto com uma caneta. Leandro a observa – olha para Italo Júnior. Ao fundo, uma TV ligada.

LEANDRO

Mande um beijo meu pra Ivonete, tá bom? (bebe guaraná) Diga que ela tá me devendo uma visita...

14 – EXT. TRAILER / BAR / POSTO VENEZA – NOITE

Música estilo *techno-funk* tocando alto. Num trailer ao lado do Posto Veneza, uma *pick-up* parada está com o som aos berros. As mesas estão cheias, umas 30 PESSOAS conversam embaladas pela música, ao fundo, uma TV mostra imagens desconexas de um *show de rock*.

Motos e mototáxis, na frente do trailer. Algumas garotas arrumadas. Motoristas de caminhão circulam entre o pátio do posto e o trailer.

Ivonete está perto da *pick-up*, dançando animada e enxugando o suor do suvaco com um paninho que carrega. Ao lado dela, uma amiga, Tânia. As duas dançam juntas, meio abraçadas. Suely, míni-saia, camiseta, brinco e sapato alto, observa tudo, com uma lata de cerveja na mão, balançadinho. Ela dá um gole duplo.

Um grande caminhão, estilo americano, colorido e futurista, pára no pátio do posto, atrás de Suely. Do lado do passageiro, desce Jéssica.

A maquiagem é bem feita, apesar de um pouco suada. O corpo é delineado pelas roupas justas e coloridas. Como se já conhecesse Suely, chega por trás dela e pára a seu lado.

31

JÉSSICA

Dá um gole.

Suely, tomada de surpresa, lhe passa a cerveja. Jéssica, em vez de engolir, faz um gargarejo e cospe pro lado.

JÉSSICA

(limpa os lábios) Sorry.

Suely fica olhando, tentando entender. Jéssica tira um espelhinho, retoca o batom e devolve a cerveja para Suely.

SUELY

Pode ficar.

JÉSSICA

Nojo, né? (olhando para a garrafa de
cerveja) Viu o tamanho do caminhão?

Suely esboça um sorriso. Jéssica faz uma medida
com a mão, indicando algo de uns vinte centí-
metros.

JÉSSICA

Enorme... Mas imundo.

Suely acha graça.

JÉSSICA

Estou falando é do caminhão, criatura.

Suely ri. Jéssica volta a aplicar o batom, sorrindo.
Ivonete e Tânia se aproximam, trazendo mais
cerveja pra Suely.

IVONETE

Mulher, tu está muito tesuda hoje.

JÉSSICA

São seus olhos, Ivone.

IVONETE

Já fez amizade com minha sobrinha, né?
Suely, Jéssica. Suely tava em São Paulo...
Jéssica veio fugida pra Iguatu.

JÉSSICA

(olhando para Suely e rindo com ironia)
É ela, é?

IVONETE

Fique sossegada que ela não é concorrente não, minha linda.

JÉSSICA

(sorri) Já ia parar de ser, fofa.
(fica séria – brincando) E tu pare de dizer que eu vim fugida... Os homem fica tudo cismado.
(se vira para Suely – sorrindo de novo)
Prazer, viu?

Jéssica dá dois beijos em Suely. Suely sorri para Jéssica. Bebe a cerveja gelada que a tia lhe trouxe. Ao fundo uma nova música: um som mais pop.

IVONETE

Vou dançar.

Ivonete e Tânia vão dançar. Jéssica observa as duas de perto, rindo e bebendo a cerveja que ganhou de Suely – começa a dançar também, meio debochada.

Ivonete volta e puxa Suely pela mão e elas vão andando. Mas de repente, Suely empaca; viu alguma coisa ao longe. Solta-se da tia...

15 – EXT. PÁTIO POSTO VENEZA / PIZZARIA – NOITE

Semi-breu. Algumas motos paradas. Um rapaz de 25 anos – LUIS – tá encostado numa moto perto da mureta da Pizzaria, ao lado de uma mesa abandonada de bilhar, bebendo cerveja. Bem ao fundo, ouvimos a música do trailer.

Suely se aproxima dele. Ele se mantém sério ao ver Suely. Ela tropeça no caminho. Bem ao fundo, do outro lado do pátio, o movimento do trailer continua.

SUELY

Oi, Luis. Quase não te reconheço nesse breu...

LUIS

Pois eu te vi. Tá bêba.

SUELY

(para – olhar seco) Tia disse que tu casou...

LUIS

Foi. Tive um filho.

SUELY

Eu também. Italo Júnior. Precisa ver...
Lindo.

LUIS

Pintou o cabelo de ruivo, por quê?

SUELY

Ficou bonito, não?

LUIS

É costume. Só isso. Pra mim tu tem cabelo preto, e pronto.

SUELY

Pois eu acho que essa cor de cabelo fica ótima em mim.

LUIS

E cadê o macho que te levou daqui?

SUELY

Eu é que tenho que saber. (pausa – se encosta ao lado de Luis) A gente vai viver junto.

35

LUIS

Sei... Tô sabendo...Tomara que dê tudo certo, né?

SUELY

É... Tomara.

Os dois se olham por um tempo. Suely desvia o olhar, examina a moto, mexe no espelho retrovisor. Agora é Luis quem mantém o olhar fixo nela – vendo ela inteira.

SUELY

Comprou?

LUIS

O vô faleceu. FGTS. Usada. Queria ter entrado num consórcio, mas não deu.

SUELY

Seu Leone morreu? (ainda sem olhar no rosto dele)

LUIS

Dormindo.

SUELY

(silêncio) Quanto tempo, hein, Luis!

LUIS

O tempo que **você** quis. Só esse.

36

Suely olha para Luis. Luis toma um gole da sua cerveja, e depois oferece a lata pra Suely. Ela toma um bom gole e depois olha pra ele; parece querer pedir desculpas por algo, mas não sabe como fazê-lo. Devolve-lhe a latinha. Os dois se olham por um tempo. Luis desvia o olhar e vira a lata de cerveja.

SUELY

Quer dançar?

LUIS

Não. Quero não, Suely... Tô trabalhando.

Os dois permanecem encostados, um ao lado do outro. Suely cantarola de leve a música pop, que ouvimos abafada, vindo do trailer.



**16 – INT. COZINHA / SALA CASA DE ROSÁRIO
– DIA**

Escuridão cortada pelo sol, que entra pelas frestas das janelas.

Suely atravessa a sala e vai até a cozinha, com Italo Júnior nu no colo. Pega um copo e vai até a velha geladeira. Enche o copo d'água, depois mais outro. Sede. Deixa a porta da geladeira entreaberta, sorvendo um pouco frio, aliviando o calor e o mal-estar da ressaca.

A casa silenciosa. Ouvimos somente o ronco de Ivonete, que dorme na rede.

ROSÁRIO está de bolsa na mão, arruma um terço na bolsa, pronta pra sair. Suely entra na sala, ela e a avó se olham. A avó dá um sorriso apertado e sai.



Suely com o filho no colo, pensativa. Acha graça do ronco da tia.

17 – EXT. CENTRO DE IGUATU – DIA

Sol forte. Um pequeno caos no centro da cidade: camelôs, mototaxistas, pedestres e lojas.

Suely está arrumada, mochila nas costas e Italo Júnior no colo. Parada em uma esquina, próxima ao Café Líder.

Suely distribui folhetos da pizzaria de Leandro. A menina se atrapalha com o filho no colo, mas consegue manter o sorriso.

A garrafa de uísque, na mochila entreaberta, ameaçando cair.

39

Caminha devagar. Quase engolida pelo movimento da cidade.

18 – EXT. FACHADA CASA DE ROSÁRIO – NOITE

O descampado na frente da casa de Rosário.

Suely, no telefone. Toca, toca, toca. Ninguém atende.

Escuro, alguns postes de luz acesos, uma ou outra janela acesa. Vazio e silêncio.

19 – INT. SALA DE ROSÁRIO – NOITE

A sala iluminada por uma lâmpada de luz fluorescente. Ao fundo, uma pequena TV transmite o telejornal, com um sinal péssimo de imagem.

Suely e Rosário estão sentadas à mesa – Rosário com um caderninho e uma caneta – fuma. Suely está tensa, fumando também, prestando atenção nos escritos da avó – a garrafa de uísque à sua frente.

Ivonete ao fundo, fumando, deitada em sua rede – parece distraída – brinca de chutar o cartaz de Bruce Lee.

Rosário fala pausadamente:

ROSÁRIO

É assim ó... (pausa) com os R\$200,00 que tô tirando no self, mais os R\$150,00 de Ivonete... A gente precisa de mais R\$100,00 reais esse mês pra fechar as conta direitinho. (pausa) Comprar as fraldas do menino, comprar leite... e as comida...

IVONETE

(fala alto) E a rifa, menina?

SUELY

Tá ruim, tia... Esse uísque deve ser uma merda. (sorriso – pausa) Preciso é arrumar um serviço pra Italo...

IVONETE

Peça ajuda pra Luciene... Ela tá é bem lá na loja de televisão.

SUELY

Aquilo lá não é pra Italo, não, tia... Nem pra mim. (pausa – fuma – sorri) Detesto usar farda!

Ivonete sorri – pés pisando o peito de Bruce Lee na parede.

Rosário pega a garrafa de uísque, fica pensativa – coloca de volta na mesa. Dá uma tragada no cigarro – pensa. Suely mexe no bolso do short.

SUELY

Taqui, é o troco que seu Leandro me arrumou.

Suely coloca uma nota de \$5,00 amassada, mais umas moedas sobre a mesa.

41

ROSÁRIO

Não era \$10,00?

SUELY

(sorridente, meio ressabiada) Gastei \$3,00 foi pra comprar um cartão... Preciso falar com Italo.

ROSÁRIO

Ele já não disse que liga quando tiver vindo, menina?

SUELY.

Liga nada, vó. Aquele lá adora fazer uma surpresa...(sorri)

Ivonete sorri para a sobrinha – fumando.

IVONETE

Suely encontrou foi Luis lá no posto. Foi não?

ROSÁRIO

(sorriso) Luis Edivan?

SUELY

Ele tá bonito, vó. (pausa) Convidei pra vir conhecer Italo Júnior...

ROSÁRIO

Que bom.

IVONETE

(implicante) Saudade, é?

SUELY

(pensa) Saudade mesmo, de verdade, tia (pausa) eu tô é de acordar cedinho e tomar minha abacatada, vendo desenho animado na TV. (ri de leve) Só disso, só! (sorri)

Risos leves – cada uma do seu jeito. Sorrisos e fumaça. Suely e ROSÁRIO se olham – carinho.

20 – EXT. PONTO DE MOTOTÁXI – DIA

Dia quente, muito quente.

O Ponto de mototáxi funciona numa loja antiga, numa rua secundária da cidade.

Uma mesa de sinuca no meio do salão, muitos capacetes pendurados, motos paradas do lado de fora. Paredes pintadas de um laranja esmaecido. Alguns mototaxistas conversam entre si. Um deles joga sinuca, sozinho.

Suely está em um orelhão interno da loja, esperando ansiosa, com o fone no ouvido e Italo Júnior no colo. Ivonete está de pé, encostada na parede no fundos do salão, com uma prancheta na mão, bebendo um copo de café e observando a sobrinha.

SUELY

(tapando um dos ouvidos com o dedo)
Alô? Celeste?! Suely. Tudo bom? O Italo tá aí? Não to conseguindo falar com ele...

(pausa) Não, não. Foram pra onde?

(pausa) O que é que foi?

(pausa) Não, não, claro que eu sabia. Ele tinha me dito, sim. Eu é que esqueci...

(pausa) ...Vou tentar o celular. No mais, tudo certo?

(pausa) Então tá bem...Tchau.

Suely desliga o telefone devagar. Fica quieta, pensando, olha pro filho no colo – caminha devagar em direção à tia. Ivonete fica observando a sobrinha chegar perto, devagar. Suely pára diante dela – olhar baixo.

IVONETE

Que foi?

SUELY

Era a moça que dividia a casa com a gente, tia... Ela acabou de me dizer que Italo se mudou de lá faz mais de duas semanas... (pausa) Que não deixou notícia... Nem telefone.

Ivonete encara a sobrinha, sem falar.

SUELY

Meu Italo sumiu, tia?...

44

Ao fundo (*off*), os mototaxistas continuam conversando. Suely engole a seco, segura a respiração. Italo Júnior em seu colo.

Motores de moto rugem ao fundo.

21 – INT./ EXT. RODOVIÁRIA – NOITE

Rodoviária vazia, iluminada por luzes frias. Alguns poucos passageiros aguardam com malas, sentados nos banquinhos. Suely, com Italo Júnior no colo e garrafa de uísque na mão, anda de um lado ao outro, observando os guichês de passagem.

CORTA PARA:

Um ônibus parado na plataforma – Suely diante dele, vê sair os passageiros um a um: homens, mulheres, senhoras. São poucos, umas dez pessoas. Suely espera ansiosa. Não vê ninguém conhecido. Respira nervosa.

Sai caminhando cabisbaixa pela rodoviária. Ouve um barulho de motor de moto acelerando – olha.

22 – EXT. RUAS DE IGUATU – NOITE

Ruas vazias e escuras. Suely, com Italo Júnior e o uísque, caminha ao lado de Luis, que empurra sua moto. Não falam nada. Suely está séria. Luis tenta sorrir para ela, a menina não corresponde. Suely pára.

SUELY

Você tava me seguindo...

LUIS

(pára também) Tava. Mas só um pouquinho.

SUELY

Como é que é isso de seguir só um pouquinho?... (insinua um sorriso)

LUIS

Vi você de longe. Pensei que tivesse indo embora de novo.

SUELY

(séria) Já te falei que vim pra ficar.

LUIS

Só acredito vendo. (volta a caminhar)

SUELY

Pois acredite. (caminhando – agora um pouco atrás de Luis)

LUIS

(sem olhar pra trás) Quer mesmo uma carona, não?

SUELY

(sorriso) Só se você comprar minha rifa de uísque vagabundo...

LUIS

(sorriso aberto) Pois eu compro dez bilhetes se você aceitar minha carona.

46

23 – INT. QUARTINHO DE MOTEL – NOITE

Gemidos. Luz fria.

Suely e Luis trepam em uma cama alta. Com vontade, com força. Luis agarra Suely com desejo, lambe ela, se mexe, quase com raiva.

É um quarto simples de motel barato. Suely tem os olhos no vazio.

No chão, dormindo sobre as roupas emboladas do casal: Italo Júnior – como em um ninho.

24 – INT. COZINHA SELF-SERVICE – DIA

Vapor e sol. É uma cozinha simples, mas profissional, nos fundos de um restaurante.

Suely está sentada numa cadeirinha de metal, Italo Júnior no colo, comendo um prato grande de arroz, feijão, macarrão e bife, que está em seu colo. Lugar abafado.

Duas Funcionárias estão lavando o chão. A terceira funcionária, Rosário, raspa um resto de comida de uma grande panela. Telhado de alumínio, poucas janelas. As funcionárias suas. Ao fundo, um pequeno rádio de pilha toca músicas românticas.

Suely come devagar, rosto triste, olhar no vazio, às vezes olha para a avó. Rosário trabalha compenetrada.

47

CORTA PARA:

Suely está varrendo uma área nos fundos do restaurante. Caixas de cerveja e refrigerante ao fundo. Entulho.

Suely varre sozinha. Rosário chega no portal, com Italo Júnior no colo e avental sujo de molho de tomate.

Rosário observa. Suely parece estar em outro lugar, ausente.

25 – INT. LOJA MACAVI – DIA

Uma atmpla loja de eletrodomésticos: luzes frias, aparelhos de TV ligados. Alguns vendedores uniformizados observam o movimento dos clientes.

Suely entra na loja vindo da rua, sem Italo Júnior. Olhos curiosos e tristes.

Suely caminha por entre os aparelhos de TV e rádios. Passa por corredores de eletrodomésticos, TVs, geladeiras, liquidificadores, sofás e DVDs.

48 Pára diante de uma TV de 29 polegadas – fica olhando a seu redor – quieta.
Vê alguém conhecido – acena. Sorriso de leve.

26 – INT. SALA DE DEPÓSITO – DIA

Luciene e Suely estão em uma sala pequena, apinhada de caixas de eletrodomésticos – uma lâmpada fria apenas deixa o ambiente quase escuro. Luciene está uniformizada de vendedora, cabelo preso – olhando a amiga com um pouco de pena e carinho. Suely está fumando, cabeça baixa – não falam nada. Luciene faz carinho em seu ombro.

LUCIENE

Pega seu filho e vai pra casa, mulher...
Sossegue.

Suely olha para a amiga, engole a seco – olhos vidrados.

SUELY

Quero esperar nada não, mulher. Quero não. (respira – encara a amiga) Me empreste dois reais pro táxi, vai? Luciene encara a amiga com carinho, concorda com a cabeça. Suely parece que vai explodir ali, na hora – olhos vibrando.

A fumaça do cigarro deixa o ambiente ainda mais escurecido.

27 – EXT. RUAS DE IGUATU – DIA

Sol forte. Barulho! As ruas de Iguatu.

Suely e Italo Júnior, na garupa de um mototáxi, atravessam a cidade em alta velocidade.

49

CORTA PARA:

Uma estrada longa, que vai afastando-se do centro. Passam por uma ponte.

28 – EXT. BAIRRO / FACHADA DE ELIANI – DIA

O som da moto invade a imagem. Vento em seus cabelos. Suely e o mototaxista atravessam uma estrada de areia amarela.

CORTA PARA:

Silêncio. Crianças brincam ao longe. Suely está parada diante de uma casa pequena, de tijolos à mostra – Italo Júnior no colo. Calor.

Ao fundo, vemos uma rua de terra batida, com poucas casas, todas com aparência mais pobre do que a que Suely mora. É um bairro na periferia de Iguatu. Planície.

Suely espera diante da porta, olha a seu redor. Tomando coragem.

29 – INT. SALA DE ELIANI – DIA

Televisão ligada.

A casa é muito simples, com paredes de tijolo sem reboco, chão de terra batida e quase nenhum móvel. Uma geladeira nova, no meio da sala. Uma GAROTA DE 13 anos está deitada no sofá, assistindo à televisão, sem se manifestar, como se fosse mais uma peça do mobiliário.

50

Eliani entra na cozinha carregando Italo Júnior no colo, fumando ao mesmo tempo. É uma jovem senhora – bermuda colada e camiseta de alcinha – suada.

Suely vem atrás, bebendo um copo d'água, observa a sala.

ELIANI

Demorou pra vir me conhecer...

SUELY

Pensei em esperar o Italo chegar.

ELIANI

O menino até que parece com ele.

SUELY

Tem gente que acha parecido comigo.

ELIANI

(pausa – olha para Suely) Sei.

(pausa) Pois é...

Eliani passeia pela pequena casa, Italo Júnior, no colo.

ELIANI

Pois me conte essa história, Suely... Italo nem me disse que tava namorando.

(sorri) Agora eu já tenho até neto, é?...



Suely se encosta na parede da casa e fica observando – olha a menina no sofá, a TV. Eliani chega perto dela com o menino no colo – sorriso.

ELIANI

(constata emocionada – sorriso) O menino é de Italo mesmo, né? SUELY
(acha graça) É... (riso leve) A senhora ta achando o quê?!...

Eliani olha pra Suely, séria. Suely segura o sorriso.

SUELY

E a senhora sabe dele?

ELIANI

Em São Paulo, né não?

SUELY

Não consigo falar com ele já faz mais de mês... A moça que morava com a gente disse que ele se mudou.

ELIANI

Não me disse nada, não.
(pausa) Que eu saiba ele tá bem... muito bem.
(pausa – faz carinho no menino) Graças a Deus.

SUELY

Mas a senhora sabe, é como?

ELIANI

Sabendo.

Eliani entrega Italo Júnior de volta pra ela, e anda até a pequena geladeira no meio da sala, nova, que por isso mesmo destoa do resto da casa. Suely fica olhando Eliani tirar uma jarra de dentro.

ELIANI

Água gelada?

Suely agradece e aceita. Eliani enche o copo de Suely. Enche outro copo e bebe também.

ELIANI

Eu dei a entrada com um dinheiro que ele mandou faz duas semanas.

53

Suely pára de beber.

Eliani acaricia seu único eletrodoméstico. Suely percebe que sua mão está tremendo. Não sabe onde deixar o copo.

SUELY

(olhando a geladeira) E a senhora acha justo eu ficar tomando conta do menino, sozinha?

ELIANI

Italo só tem vinte anos, Suely. Sabe o que é isso?

Eliani vira todo o copo d'água – sem tirar os olhos de Suely. Suely respira.

SUELY

Seu filho é um bundão...

Suely encara Eliani longamente, filho no colo. O som da TV continua.

SUELY

Quando a senhora souber de Italo de novo... diz que eu preciso muito falar com ele...

ELIANI

(seca) Digo sim, Suely. Pode deixar.

30 – EXT. PRAÇA DE TRÁS – DIA

Choro. Praça vazia.

Suely fuma e chora em uma praça feia e descampada – uma ou outra árvore de pé. Terra batida. Chora. Chora muito. Silenciosamente. Sem parar. Nenhum movimento na praça.

31 – EXT. ORELHÃO FRENTE CASA DE ROSÁRIO – NOITE

Noite escura. Suely está no orelhão – sem Italo Júnior. Ouvimos em primeiro plano o toque de um telefone, que nunca atende. A menina permanece imóvel, telefone no ouvido.

32 – EXT. MOTO NA ESTRADA – DIA

Estrada vazia. Motor rugindo. Sol.
Alta velocidade. O céu azul. Estrada longa.

Luís, no volante. Suely, na garupa. Ela está feliz, quase flutuando. Cabelos ao vento. Câmera lenta. A moto come estrada, com avidez. A expressão no rosto de Suely é de satisfação, puro prazer. Na trilha, escutamos uma música espacial, estilo *2001: Uma Odisséia no Espaço*.

Suely e Luis parecem dois anjos do futuro, perdidos no Sertão. *Suely in the sky with diamonds*. Aos poucos o barulho do motor vai desaparecendo e a música preenchendo a tela, até sumir todo e qualquer barulho ambiente. A moto flutua na





música, a moto flutua na paisagem, como um foguete precário.

Um retrato filmado que vai fundindo-se para o branco, como se o sol estivesse aproximando-se da lente e tudo fosse ficando super exposto. Tela branca. Silêncio.

33 – EXT. POSTO VENEZA – DIA

Posto de gasolina. Movimento de rotina. Frenetistas.





Suely está lavando um carro estacionado nos fundos do posto – ao lado de uma plataforma de cimento para caminhões.

Jéssica se aproxima, arrastando uma cadeira de metal vermelha e uma garrafa de cerveja. Caminha.

Água sobre o vidro.

Suely está com a cara fechada, olhar duro – joga um balde d'água com força contra o carro e continua lavando – o sabão escorrendo pela superfície do carro. Espuma pelo chão.

Diante dela, Jéssica está sentada na cadeira de metal vermelho, bebendo um copo de cerveja, com a garrafa entre as pernas, observando Suely.



JÉSSICA

(implicante) Precisa dessa cara pra lavar carro, é?...

Suely não responde – continua trabalhando.

SUELY

(doce) É raiva... Pode não?

Jéssica sorri, carinhosa.

SUELY

(seca) Tô precisando é de dinheiro...
(pausa) Me empreste 5.

JÉSSICA

(brincando) Você é doida...



Jéssica olha a amiga. Suely sorri, fica séria, esfrega o capô do carro. Em silêncio.

SUELY

Eu queria é que o meu Italo ligasse.
(pausa) Nem que fosse uma última vezinha, sabe?

34 – INT./ EXT. CAMINHÃO AGUINELO – NOITE
Ecuridão da noite.

O rosto de Suely iluminado por uma luzinha baixa, emoldurado pela janela de um veículo.

Mochila no colo.

Olhar vazio e molhado.

61

Suely está sentada no banco do passageiro de um grande caminhão. Aguielo, o motorista, tem 40 anos, aloirado, barba por fazer, sotaque de catarinense.

Uma música romântica toca na rádio da cabine.

AGUINELO

A última vez que eu tive aqui, tava tudo verdinho, verdinho... Parecia mais a Europa... Ou Santa Catarina. Conhece?

SUELY

Conheço São Paulo... Morei lá dois anos.

Suely olha a paisagem lá fora.

O caminhão segue pela estrada vazia e escura – os faróis iluminando o breu logo à frente. Aguielo continua dirigindo. Olha para as pernas de Suely, põe a mão no joelho dela.

AGUIELO

A viagem pra São Paulo é longa. É melhor a gente ficar bem amigo.

Suely abre um sorriso forçado – sem desviar os olhos da janela. Aguielo aperta de leve a coxa da menina. Suely não reage.

AGUIELO

Quando eu era moço, tinha uma namorada igual a você... Sabe, assim?

SUELY

(seca) Sei não.

AGUIELO

Aí depois ela mudou-se. A guria era filha de militar, eu acho. Mas tinha os olhos assim, iguais aos seus.

Aguielo sorri – sedutor. Suely não olha. O caminhão come estrada, adentro a escuridão da noite. Quase nenhum outro veículo.

**35 – EXT./ INT. CAMINHÃO NO ACOSTAMENTO
– NOITE**

Silêncio. Semi-breu.

Iluminado apenas pela luz da cabine, vemos o rosto de Aguielo contorcendo-se de prazer. Olhos fechados.

Suely está batendo uma punheta para Aguielo, com força, mão cheia. Aguielo geme. Suely olhando firme no rosto do caminhoneiro.

Aguielo abre os olhos, vidrados de prazer. O homem geme, o peito infla. Suely continua.

Com força...

O corpo tremendo. O braço cansado. O breu da cabine... Espasmo. Aguielo goza.

Um gozo longo e cansado.

63

Suely tira a mão do pau dele. Limpa no banco. Aguielo abre os olhos. Recompõe-se. Limpa-se com uma flanela. Suely fica quieta, olha pra frente, respira. Ele sobe a calça, fecha a braguilha. Suely respira fundo. Tempo.

SUELY

Quero ir mais não.

Aguielo olha para ela.

AGUIELO

(cansado) Que que foi?

SUELY

Tô indo pra casa.

AGUINELO

E São Paulo, guria? Vai deixar teu marido lá, te esperando?

SUELY

(seca, calma) Não quero mais ir pra São Paulo, não.

Aguinelo respira. Pensa.

AGUINELO

Vai continuar nesse lugarzinho de merda...

SUELY

(tranqüila – seca) Vou.

64

Aguinelo observa Suely, olha para a frente. Suely ajeita a roupa, arruma o cabelo. Aguinelo fica meio paralisado, olhando pra estrada à sua frente.

AGUINELO

Você não vai enxergar nada nessa estrada, a essa hora... (pausa) Te deixo em casa amanhã de manhã. Prometo.

Suely termina de ajeitar o cabelo.

SUELY

Eu sei o caminho.

36 – EXT. ACOSTAMENTO NA ESTRADA – NOITE

Rugido de motor.

Suely está de pé, no meio da estrada. Cigarro na boca.

Ao fundo, iluminado, o caminhão de Aguielo. Suely joga o cigarro fora. Solta a fumaça. Aguielo acelera o motor. Desliga a luz da cabine. Suely respira, olha a seu redor. O caminhão parte levando a luz de seus faróis...

Suely no escuro – os olhos brilhando no escuro.

37 – EXT. ESTRADA – NOITE

Suely andando sozinha na estrada – mochila nas costas. A lua e poucas estrelas no céu. Ela anda, anda, anda.

Um caminhão. Um barulho ensurdecedor.

65

Subitamente não há mais nenhum carro, nada. Do nada, Suely dispara a correr, correr, como se nunca mais fosse parar, como se ela pudesse correr até o nascer do dia.

Só escutamos sua respiração ofegante, seu rosto suado na estrada vazia.

Nada.

38 – EXT. ESTRADA / PLACA – AMANHECER

Suely agora está parada, tomando ar.

À sua frente está uma placa afixada num arco de metal: *AQUI COMEÇA IGUATU*. O céu escuro

começa a ficar azulado, anunciando o dia que se aproxima.

Suely olha para o céu.

39 – EXT. ÁREA DE SERVIÇO DE ROSÁRIO – DIA
Sol de manhã cedo. Baldes, roupas no varal. Som de água corrente.

Suely dá banho em Italo Júnior, em uma bacia d'água. Limpa bem o menino, esfrega-lhe a pele com carinho – sentada, descalça no chão da área de serviço.

A água escorre de leve pelo corpo do menino, pelas mãos de Suely.

66

40 – INT. SALA DE ROSÁRIO – DIA

Desenho animado na TV. Suely está sentada no sofá, com Italo Júnior de banho tomado, no colo, tomando um copo grande de abacatada.

Os olhos suavemente envolvidos pela televisão.

41 – INT. QUARTO DE ROSÁRIO – NOITE

Silêncio.

Quarto escuro, iluminado pela luz que vem da sala. Suely está deitada na cama da vó, só de calcinha e camiseta – Rosário, abraçada nela por trás, com roupas simples.

Suely está quase dormindo. Rosário está de olhos bem abertos, colados na nuca da neta. As

duas falam devagar, quase dormindo – olhos fechando:

ROSÁRIO

Vou construir um quartinho pra você ali na área.

(pausa) Pra você e pro menino.

SUELY

(seca, cansada) Precisa não, minha vó. Não voltei pra morar em quartinho, não...

ROSÁRIO

E vai viver de quê, Suely?

SUELY

Sei não. Como der...

67

As duas mulheres de olhos fechados – abraçadas. Um silêncio bom. Respirações profundas. Tempo.

SUELY

(fecha os olhos) Esquece Italo, vó.

(pausa longa) Tô pedindo...

ROSÁRIO

Esqueço sim.

42 – INT. QUARTO DE ROSÁRIO – DIA
Sol. Manhã.

Suely está de pé, saia jeans e descalça – sem camisa. Cigarro na boca, séria, mexendo no armário.

Radinho de pilha murmura de leve uma música *pop*. Suely acompanha, enquanto experimenta blusas diferentes.

Ao fundo, Luciene observa e deita na cama de bruços – rosto sobre o colchão, olhos na amiga. Italo Júnior, deitado a seu lado – acordado.

43 – EXT. FACHADA MOTOTÁXI – DIA

O salão dos mototaxistas vazio e escuro.

Suely e Rosário estão de costas, encostadas em um portal, fumando.

Lá fora, o sol e o parco movimento das ruas. Algumas motos estacionadas.

68 Dois mototaxistas estão sentados, encostados nas motos lá fora. Sol quente.

Suely se vira para a tia, fumando – olha para Ivonete. Tempo.

44 – INT. QUARTINHO DE MOTEL – NOITE

Quarto escuro – luz azulada de TV silenciosa.

Suely está deitada, nua, de olhos abertos.

Sentado na cama a seu lado, vemos Luis quieto, olhos abertos. Ele muda os canais de TV com um controle remoto. Um canal atrás do outro.

Suely se vira na cama. Fecha os olhos. Tranqüila.

45 – EXT. FACHADA DO MOTEL – NOITE

A fachada do Motel. Noite. Um coração de luzinhas coloridas. Piscando. Intermitentes.

46 – EXT. PONTE – NOITE

Suely caminha pela ponte iluminada sobre o breu da noite. Olhar tranqüilo. Um sorriso suave.

Ao fundo, a estrutura metálica de uma antiga ponte ferroviária.

Do outro lado da ponte, bem ao fundo, Luis a observa. A moto, a seu lado.

Suely dá uma olhadinha para trás e continua.

Suely iluminada. Namoro.

47 – EXT. POSTO VENEZA / FACHADA DORMITÓRIO – DIA

Sol.

69

O posto Veneza quase vazio. Um ou outro carro passando na estrada. Algumas motos paradas. Leandro está ao longe conversando com dois frentistas.

CORTA PARA:

Uma fileira de portinhas de dormitórios pequenos e feios. Alguns pneus abandonados, uma bicicleta parada.

Uma das portas está entreaberta, semi breu lá dentro – vemos um par de pernas femininas deitadas na cama, balançando como se acompanhasse uma música.

**48 – INT. BANHEIRO/ QUARTO DE DORMITÓRIO
– DIA**

Um quartinho simples de dormitório – um ventilador de teto, uma cama de solteiro, um banheiro minúsculo. Paredes pintadas de um amarelo aguado. A porta entreaberta deixa entrar o sol no quarto.

Suely está fazendo xixi, lendo uma revista de fofoca. No box, o chuveiro aberto com um balde embaixo, enchendo. Um esfregão muito sujo, encostado ao lado dela.

Deitada na perpendicular na cama, Jéssica escuta um walkman, que está sobre seu peito, fuma maconha – pensativa. Acompanha a música, com as pernas.

70

Suely dá a descarga e olha o balde enchendo, ainda pela metade. Molha a mão na água do chuveiro e molha o rosto. Deixa o chuveiro ligado.

Suely entra no quarto, pára no portal do banheiro. Jéssica se vira, olha a amiga.

Suely tem o rosto úmido, esfregão na mão – o corpo suado.

Pensa. Sorri carinhosa.

SUELY

Você tem uns olhos de mãe, sabia?...

Jéssica fica olhando Suely. Não sabe o que dizer.



SUELY

Uns olhos bonitos.

Jéssica sorri. Surpresa doce. Seus olhos se enchem d'água.

Suely se senta ao lado da amiga. Pensa.

SUELY

Queria saber quanto tu ganha...

Jéssica pensa um pouco – enxuga os olhos.

JÉSSICA

(pensa um pouco) \$20.

(sorriso) Por uma hora.

Suely se deita. Olhos no teto. Tempo.

SUELY

(séria) E se fosse a noite toda, amiga?...
Valendo tudo, me diga...

JÉSSICA

Sei, não.
(tempo – sorriso) Cobrava uns 50... 60.
(pausa – sorriso) Dava o cu e dormia abraçado... Mas aí já é namoro, né? (sorriso)

Suely dá um sorriso contido. Jéssica observa a amiga.

Silêncio.

SUELY

Quer ligar o ventilador, mulher?

JÉSSICA

E pode?

SUELY

(sorriso doce) Pode.

Jéssica estica o pé e aperta o botão do ventilador. Suely fecha os olhos.

O vento toma conta do quarto, bate no corpo de Suely... O ventilador gira no teto com rapidez. No rosto de Jéssica: as lágrimas secam.

49 – INT./ EXT. PIZZARIA – NOITE

Madrugada. Pátio vazio.

Uma *pick-up* iluminada, ao longe. Um grupo de meninas entre 15 e 25 anos, está pendurada na *pick-up*, gritando e dançando. O motorista é um jovem que não reconhecemos – a *pick-up* parada.

De dentro da *pick-up*, sai Jéssica, que vem correndo, de salto alto, no pátio de paralelepípedos. Ela acena, chama alguém de longe. Corre desajeitada, se aproximando.

Suely está ao lado de Leandro na mureta da pizzaria. A menina está bonita, bebe cerveja. Os dois acham graça de Jéssica. Sorrisos de carinho.

CORTA PARA:

Jéssica e Suely correm para a *pick-up*, ao longe. Sobem. Suely acena para Leandro, enquanto a *pick-up* ruge o motor e arranca. Leandro acena de leve – sorriso contido.

73

A estrada escura. A música ao longe. Faróis sumindo no breu.

50 – EXT. DESCAMPADO – NOITE

Batida forte! Motores ligados. Bate na palma da mão!

Descampado. Breu. Música!!

Três *pick-ups* paradas com os faróis desligados – 5 vultos femininos no escuro, esperam. Risadas masculinas, assovios. Vulto masculino ao volante e 4 outros, fumando, na caçamba.

Motor da *pick-up* acelerado.

Vemos Jéssica, Suely e outras 3 MENINAS. Começam a dançar devagar. Sobre as *pick-ups* e no entorno, 5 HOMENS estão observando, na farra.

Ao fundo, uma pilha de sucata metálica, colorida.

O som da *pick-up* aumenta!

As meninas começam a dançar animadas. Os homens adoram, batem palmas. Jéssica dança fumando. Suely dança colocando a mão sobre os olhos para tentar enxergar. As outras meninas dançam animadas.

O motor acelera, rugindo. A música ainda mais alta!

74

Jéssica começa a tirar a roupa. Assovios e gritos masculinos. Suely dança animada. As meninas começam a tirar a roupa, rebolar. Jéssica tira a camisa, mostra os seios. Suely levanta um pouco a saia, rebola.

Jéssica gira, rebolando, tira a saia – está de fio dental. As outras meninas continuam dançando.

Jéssica enlouquece na dança. Suely tira a blusa, se anima mais. O homem no volante fica piscando os faróis na batida da música. Os homens na caçamba assoviam. Adauto, um deles, olha Suely com vontade – sorriso fixo.

Jéssica dança só de calcinha, louca... Suely dança animada, sem pensar, fecha os olhos – se deixa

levar pela música e começa a tirar a roupa. Os faróis da *pick-up*, invadindo seus olhos.

Suely sorri, fica nua, dançando no meio do descampado. Jéssica olha para ela, se divertem juntas, dançam.

As outras meninas dançam, enlouquecidas. Suely sente a batida forte por todo o corpo. Suor no rosto. Alegria.

No descampado – as *pick-ups* paradas, o monte de sucata... As meninas dançando, iluminadas.

51 – EXT. DESCAMPADO – AMANHECER

Sol nascendo. As três *pick-ups* paradas.

As meninas dormem ao redor das *pick-ups*, seminuas, abraçadas a homens e enroladas em lençóis sobre o mato.

Jéssica dorme no peito de um homem, dentro da cabine.

Na caçamba de uma *pick-up* – Suely está sentada, vestida, bebendo uma lata de cerveja ao lado de Adauto, 30 anos: rapaz magro, calça jeans de boa marca, camisa pólo listrada e relógio de luxo.

Os dois dividem um cigarro. Adauto fala com ela, flertando de leve. Falam baixo, como se não quisessem acordar os outros.

ADAUTO

Suely, né?...

SUELY

É.

ADAUTO

(pensa) Como é que eu nunca te vi por aqui, Suely?

SUELY

(sorri) É que eu não sou rapariga, não. Morei em São Paulo por muitos anos, sabe?... Cheguei tem pouco tempo.

ADAUTO

Sei. (sorriso) Entendi.

76

Os dois ficam em silêncio.

ADAUTO

E me diz uma coisa, como é que eu te acho?...

SUELY

Procure.

Adauto sorri. Traga o cigarro. Tenta dar um beijo em Suely. Ela rejeita. Os dois se olham.

Suely sorri, tímida – se levanta, pula da caçamba. Adauto a observa. Suely caminha para longe. Bem longe.

SUELY

(ao longe) Vou fazer xixi...

Ao fundo, um homem, BÊBADO, dá um forte chute em uma carcaça de fogão.

O som ecoa pelo vazio.

52 – EXT. ESQUINA DE ROSÁRIO – NOITE

Silêncio.

Suely e Ivonete estão sentadas na calçada de casa, na esquina. Bebem a garrafa de uísque vagabundo no gargalo, engasgam às vezes, bebem mais. Bem aos pouquinhos.

Ivonete está com os olhos tranqüilos. Suely com o olhar no vazio – denso. Atrás delas, uma vendinha vazia.

77

IVONETE

Te contei de Tânia?... (sorri – pausa) Comprei um biquíni pra ela.

SUELY

Que bom, tia. (sorriso) E cadê ela?

IVONETE

Tá dormindo. Vira a noite naquele motel, trocando fita de sacanagem. (riso leve – tempo) Tô querendo levar ela pra praia em Fortaleza... Ver ela de biquíni. No sol...

Ivonete sorri. Suely sorri também. Novo silêncio. Tempo.

SUELY

(olhar no vazio) Tia...

Ivonete não responde. Olhar no vazio, bebe mais uísque.

SUELY

Tia...

IVONETE

Fala.

SUELY

Vou me rifar, tia.

IVONETE

(sem entender) O que é?

78

Suely está séria.

IVONETE

(riso confuso) Você vai fazer o quê?!...

SUELY

Vou rifar minha buceta e ficar rica...
comprar uma casa pra morar com meu
filho.

Ivonete olha para Suely, incrédula. Suely desvia o olhar para o vazio. Pensa.

SUELY

Perdi a paciência, tia. Quero dinheiro, e
agora.

IVONETE

(preocupada) Isso é idéia de puta, Suely...

SUELY

(calam – seca) Quero ser puta não, tia.
Quero ser porra nenhuma...

Suely fica olhando fixo para o céu. A vizinhança vazia.

Ivonete séria – olha a sobrinha. Suely vira a garrafa de uísque.

53 – EXT. FACHADA SORVETERIA – NOITE

Noite.

Suely espera, encostada em um carro – olhar vazio, fumando.

79

Ao fundo, vemos uma sorveteria iluminada, pintada em cores berrantes.

De dentro da sorveteria sai Luis, com um pote enorme de banana-split na mão. Aproxima-se de Suely, chegando por trás, se aconchegando ao lado dela e lhe entregando uma palheta de sorvete.

Suely experimenta o sorvete – gosta. Olha para Luis.

SUELY

Tô pensando...

LUIS

Em quê?

SUELY

Tudo.

LUIS

(brinca) Tudo não é muita coisa, não?

SUELY

Nem é, Luis.

Agora é Luis quem fica observando Suely.

LUIS

Tenho medo de você ir embora... De novo.

80 Suely sorri, bota uma colher de sorvete na boca – agarra Luis e dá um beijo de língua nele, sorvete gelando o beijo.

O beijo termina.

Luis põe a mão no rosto dela, carinhosamente. Suely fica séria, fixa o olhar em Luis longamente.

SUELY

(doce/calma) Tu pagava pra dormir comigo, Luis?...

LUIS

(pára de comer / quase acha graça) Que que foi?

SUELY

(continua comendo o sorvete – séria) Tô perguntando se você me queria se eu fosse rapariga...

Luis pensa, paralisado, não sabe o que dizer.

LUIS

Eu te adoro, Suely.

SUELY

(dura) Não foi isso que eu perguntei, não, Luis... Suely põe outra colher de sorvete na boca. Luis permanece quieto. Pensa.

54 – INT. SALA DE ROSÁRIO / COZINHA – NOITE
Breu.

81

Ouvimos uma respiração arfante – é Ivonete. A mulher se masturba na rede, no seu canto da sala. Respiração pesada. A sala vazia – a respiração de Ivonete preenchendo o silêncio.

55 – INT. QUARTO DE ROSÁRIO – NOITE
O mesmo breu. Gemidos vem da sala.

Suely está deitada em sua cama. Os olhos abertos – pensando. Fala com seu filho, cochichando – não ouvimos sua voz.

Italo Júnior deitado a seu lado. Os olhos da menina nos olhos do filho.

56 – INT./ EXT. LA BARRANCA – NOITE

Música alta.

É um clube de forró. Muvuca.

Homens e mulheres dançam colados, sozinhos e em grupos. Pessoas bem arrumadas, jovens mal-vestidos, prostitutas e adolescentes. Ao fundo, um grupo de forró toca música ao vivo. No meio da multidão.

Ivonete dança próxima a Tânia. Jéssica está conversando com um homem no fundo do salão. Luciene dança agarrada com seu Namorado, olha para Suely com um sorriso.

82 Suely bebe um copo de cerveja. Os olhos da menina passeiam pelo salão. Tranqüilos.

57 – EXT. RUA DO LA BARRANCA – NOITE

Respiração pesada. Uma rua deserta do centro comercial de Iguatu.

Suely está se agarrando com um homem bonito, de uns 30 anos, Jackson, encostado em um portão fechado de loja.

Jackson a aperta contra o corpo dele, mão por baixo da saia. Suely deixa ele beijar seu pescoço...

...Logo depois, Suely o empurra e sai do amasso.

SUELY

Calma...

O homem a observa – sério. Tesão e suor.
Suely põe a mão na virilha do homem – agarra firme. Abre um sorriso.

SUELY

Que foi?... (ironia doce)

O homem continua respirando – encostado na parede de metal. Suely aproxima seu rosto do dele.

SUELY

Quero largar, não...(sorriso doce)

Suely aproxima a boca da orelha dele. Mão firme na virilha.

83

SUELY

(pedindo) Mas compre minha rifa, vai?
Pausa – respira pertinho da orelha dele, sorriso sapeca. Menina.

SUELY

Tá valendo, viu?...(sorriso)

58 – EXT. PRAÇA DE TRÁS – DIA

Sol forte. Céu azul.

Praça deserta. Suely, com Italo Júnior no colo.

Brincam juntos.





Alguns brinquedos novos – uma bola colorida, ursos pelo chão. Alegria.

Suely pega o menino no colo. Beija e abraça o filho.

Divertem-se. Mãe e filho. Menina e menino.

59 – INT. CASA DE ROSÁRIO – NOITE

Chiado de TV.

Rosário está sentada no sofá de casa, vestido simples – bebe um copo de uísque – séria.

No meio da sala, vemos Ivonete sentada, pernas abertas, séria – cabos coloridos de televisão nas mãos.

SUELY

(off) E aí, tia?

IVONETE

Fudeu, Suely... (sorriso contido)

Suely está de pé diante dela – com um controle remoto na mão e a garrafa de uísque na outra – quase vazia.

As duas estão tentando instalar um aparelho novinho de DVD na velha TV. Sem sucesso. A TV so mostra chuvisco...

IVONETE

Nada?

SUELY

Nadinha...

Ivonete continua trocando os cabos de lugar...

IVONETE

E agora?

O chuvisco continua.

SUELY

Sabe ligar isso mesmo, tia? (riso)

IVONETE

Sei, não... (séria) Achei que sabia...(sorriso contido)





Ivonete continua futucando os fios, apertando botões. Dá uns tapinhas no DVD.

Suely vira a garrafa de uísque – observa. Se senta ao lado da avó.

Rosário continua bebendo seu uisque – séria.

ROSÁRIO

Isso aí custou quanto, Suely?... Me diga.

Suely acende um cigarro. Não responde. Traga. Rosário olha séria para ela. Suely com os olhos no chuveiro.

SUELY

Eu queria era passar a noite toda de perna pra cima, vendo Bruce Lee no DVD...

(pausa – sorriso) Vida de rainha.

60 – INT. QUARTO DE ROSÁRIO – DIA

Sol.

Suely está sentada no chão do quarto, na frente da porta. Caixa de sapatos aberta. Suely conta um bolinho de notas de 1, de 5 e de 10. Arruma tudo em bolinhos dentro de uma caixa de sapato, entre as suas pernas.

Brinca com algumas moedas na palma da mão. Suely preenche um bloquinho de bilhetes de rifa. Pensativa. Copo de abacatada a seu lado.

89

CORTA PARA:

Suely troca a fralda de Italo Júnior. Sentada sobre a cama. Silêncio.

61 – INT. SALA DE ROSÁRIO – NOITE

Esporro de um motor de moto! (*off*)

Porta e janelas da casa fechadas, todas as luzes apagadas – Suely anda de um lado para o outro nervosa, roendo as unhas. A moto acelera mais, parada – rugindo alto!

Rosário está sentada no sofá, no escuro, tentando ninar Italo Júnior, que chora assustado com o

barulho. Todos com cara de sono. Rosário olha para Suely com um pouco de raiva.

Suely pára na janela – tenta olhar por uma fresta. Nervosa. A moto ruge mais uma vez, alto! Ivonete entra em casa pela porta da frente – vestindo roupa de dormir – fumando – apaga o cigarro na parede. Olha assustada para Rosário e Suely.

IVONETE

Tá indo, já. Mas disse que volta.

Rosário encara Suely e sai da sala com o menino no colo. Ouvimos a moto rugir uma última vez e ir embora – se afastando lentamente até sumir no silêncio.

90

Suely se senta no sofá, exausta – respira pesado. Ivonete chega perto dela.

IVONETE

Fale com ele.

SUELY

Já disse que não falo.

IVONETE

Não faça isso com Luis, que ele morre.

SUELY

Eu morro antes.

IVONETE

(senta-se ao lado da sobrinha) Disse que vai ficar rondando a casa até você aparecer.
(pausa) Tava com o olho cheio d'água o coitado.

Suely olha para o chão – seca, nervosa.

SUELY

Se ele voltar, tia... diz que eu fui embora de Iguatu.

62 – INT. MERCADO DA CIDADE – DIA.

Sol forte lá fora. A luz entra por frestas no teto. O mercado de Iguatu tem longos corredores escuros, de barracas – lá ao fundo, grandes portais dão para o movimento e a luz da rua. O mercado está vazio, parece estar fechando.

Suely está sozinha, no meio de um dos corredores, contando um bolinho de notas de 1 real – guarda no bolso. Um cigarro apagado na boca, bonita, bem arrumada, chamativa. Pega um isqueiro e tenta acender – não funciona. Tenta de novo, de novo.

Um homem de uns 30 anos, Sérgio, trabalha carregando caixas de balas e se aproxima. Pára a uns dois metros dela – acende um isqueiro. Suely levanta o olhar e o encara.

SÉRGIO
(educado) Fogo?

Suely sorri, com o cigarro na boca – Sérgio se aproxima. Ela, com o olhar fixo nele.

SÉRGIO
Tá esperando alguém? Mercado hoje tá fechando.

SUELY
Tô vendendo rifa.

O rapaz se encosta ao lado dela. Ao fundo, dois trabalhadores desmontam barracas.

92

SÉRGIO
E o que que eu ganho?

SUELY
Eu.

SÉRGIO
É o quê?

SUELY
Eu. Você ganha eu.

SÉRGIO
(rindo – se assusta) Ô... Que história é essa? Tá falando sério?!

Suely sorri sozinha.

SÉRGIO

Você tá de fuleiragem comigo... Não gostou, fala logo que eu saio de perto.

SUELY

Não, não. É que comigo agora é só com a rifa. Tem gente que rifa até bode...

Suely tira um bloco de tickets do bolso.

SUELY

Vai levar quantas? 15 reais. Loteria Federal. Daqui 15 dias.

SÉRGIO

A rapariga endoidou, foi?... 15 reais e eu te ganho?

93

SUELY

15 reais e você concorre... se ganhar passa a noite toda comigo. Já vendi um monte, mas a chance é boa.

(pausa) Faço tudo o que você quiser. Vale a pena, viu... E não sou garota de programa, não. Sou moça de família, sabe?

Sérgio olha pro corpo dela, impressionado com tudo.

SÉRGIO

Olhe...

(cuidadoso – duro) Puta aqui dentro não pode, não, menina.

SUELY

(dura) Já falei que não sô puta.

SÉRGIO

E isso é o quê?...

SUELY

É rifa.

SÉRGIO

Pois então venda tua rifa em outro lugar!...

SUELY

Vou não. Quê que eu fiz de errado? O senhor é que veio pra cima de mim...

SÉRGIO

(irritado, contido) Saia, por favor. Ande.

Suely vai saindo arrebitada. Olha pra trás – debochada, enche a boca:

SUELY

Tu é um baitola!...

Sérgio reage correndo e dando um tapão nas costas dela.

A menina grita de dor, fica parada.

SUELY

Porra... Vai se fuder, vai!

Sérgio conta até três, se irrita de vez: agarra ela pelo cabelo e começa a arrastar ela pra fora do mercado.

SÉRGIO

(falando baixo, nervoso) Agora tu vai sair...

Suely se debate.

SUELY

Ai!...

Tenta se livrar, não consegue. Ela dá um chute nas pernas dele, ela quase cai, mas é segura pelos cabelos, na mão dele. Suely se debate.

Sérgio a leva pelo longo corredor, até a rua, e a joga lá fora – na luz do sol.

95

SÉRGIO

Pronto. Agora fique aí!

Vemos Sérgio voltando, arrumando a roupa amarrotada, bufando. Suely está ao fundo, no sol, ajeita o cabelo se abaixa.

Suely pega alguma coisa no chão e caminha para dentro do Mercado.

SUELY

Ei!...

Sérgio se vira. Suely joga uma pedra nele! – acertá-o nas costas. Sérgio se agacha, cai de joelhos.

Suely chega perto, devagar – vê sangue na camisa dele. Sérgio respira assustado.

Suely respira longamente – aos poucos vem lhe vindo um sorriso.

Largo.

63 – EXT. FACHADA DE ROSÁRIO – NOITE

Ivonete está sentada na fachada – pensa. Bebe um copo de cerveja. Olhar no vazio. Sozinha.

64 – INT. SALA DE ROSÁRIO – NOITE

Suely está na mesa, diante da vó, bebendo um copo de leite – cabeça baixa.

96

Italo Júnior chora um pouco, no colo de Ivonete, ao fundo.

Rosário está de pé, olhando Suely – parece contar até dez... Respira.

ROSÁRIO

Suely?...

Suely não responde. Olhos baixos.

Rosário dá um tapa na mão de Suely. O copo de leite voa longe.

Tempo. Rosário fala devagar.

ROSÁRIO

Não quero mais você aqui, não.

(pausa longa – os olhos se enchem d'água)

Te dou um dia pra sair... Esperando tu pedir perdão. Mas não vou te perdoar.

SUELY

(sem olhar) Peço perdão, não, vó.

ROSÁRIO

Pede, sim! – que eu não sou palhaça.

(pausa) Não posso nem andar mais nessa cidade direito, o povo me apontando o dedo.

(pausa – bufada) Seu Eurico quase me bota na rua, sabia disso? Você é louca, é?!

(pausa) Responde, Suely!

SUELY

(mecânica – sem levantar os olhos) Me desculpa, vó.

97

Rosário respira três vezes, dá um tapa em Suely. A menina se levanta com raiva – como se fosse bater na vó. As duas ficam se olhando.

Rosário dá outro tapa em Suely, dá outro. Suely chora em silêncio, mas não arreda o pé. Se mantém firme – olhando no rosto de Rosário.

Ivonete se aproxima. Rosário tenta se acalmar, olha Italo Júnior dormindo no colo de Ivonete, se afasta. Suely sai, com raiva. Bate a porta de casa. Rosário se senta no sofá, tremendo.

65 – EXT. PRAÇA DE TRÁS – NOITE

A praça vazia – noite.

Suely e Luciene sentadas uma de frente para a outra em um canteiro de cimento. Suely olha a amiga com expectativa. Dividem um cigarro. Ficam muito tempo assim – sem assunto.

SUELY

(fala devagar) Queria ir morar contigo, mulher... Que nem quando a gente era pequena.

As amigas se olham fixamente...

Luciene não sabe o que dizer.

98

66 – EXT. RUAS DE IGUATU / PRAÇA KARAOKÊ / RUA ESCURA / TRILHOS – NOITE

As ruas de Iguatu à noite – quase vazias. A mesma noite.

Suely está de pé, bebendo uma garrafa de vodka vagabunda, encostada na parede. Está com a mesma roupa da cena anterior. Vira a garrafa com vontade. Já está um pouco bêbada. Olha a seu redor.

Jéssica a observa de pé, no meio da rua, fumando – sorriso doce.

CORTA PARA:

Suely e Jéssica caminham pelas ruas do centro de Iguatu: lojas fechadas, alguns transeuntes, rapazes de moto. Carros.

Elas dividem a garrafa de vodka, riem entre si, cochicham. Passam por uma praça cheia de cadeiras, onde vemos um karaokê e pessoas bebendo cerveja. As meninas seguem, juntas.

As duas se carregam. Alegria doce. Sorrisos. Olhos vidrados.

CORTA PARA:

Trilhos do trem. Suely e Jéssica chegam caminhando, perambulantes – silenciosas.

As duas se carregam. Riem baixinho.

99

Suely tropeça e cai, Jéssica ri, cai sentada a seu lado. Ficam um tempo paradas. As duas se deitam, respiram. Se dão um grande abraço no chão. Ficam assim: juntas, inseparáveis.

Suely fecha os olhos. Jéssica a encara com carinho. O céu de Iguatu e as estrelas.

67 – INT. QUARTO DE JÉSSICA – DIA

Dia seguinte.

Silêncio. Ventilador ligado. É um quarto pequeno, de paredes carcomidas, pintura verde já muito gasta.

Suely está encharcada, enrolada em uma toalha, deitada num sofá, olhos abertos mas paralisada – não se mexe. Respira devagar. Ressaca. Jéssica está sentada no chão, olha a amiga.

Silêncio.

68 – INT. SALA / COZINHA DE JÉSSICA – DIA

Mais tarde.

Uma música dançante vem de um radinho de pilha.

Uma cozinha pequena, de azulejos azuis. Jéssica está fazendo macarrão no fogão, vestida com roupas caseiras.

100 Suely está sentada na mesa da cozinha, olhando a amiga cozinhar – fuma um baseado.

Jéssica olha pra trás, com as mãos ocupadas – Suely entende e coloca o baseado na boca dela. Suely dá mais uma tragada no baseado. A menina pensa, olhar no vazio.

69 – EXT. PÁTIO DE TRÁS / TRAILER / BAR DO POSTO VENEZA – NOITE

O pátio de trás do posto é amplo – alguns caminhões estacionados, algumas redes nas árvores. Pneus abandonados e lixo.

Uma mesa de sinuca abandonada ao longe. Suely fuma no meio do pátio. Bloquinho da rifa na mão. Bonita.

Ao fundo, próximo a ela, um grupo de cinco mototaxistas, observa, assoviam. Suely sorri para si mesma. Um deles, Mariano, vem caminhando até ela – lhe oferece um copo de cerveja, sorriso no rosto. Suely aceita.

Suely entrega o bloquinho de rifa para ele. Bebe o copo de cerveja, maliciosa. Olhos densos. Gostosa.

70 – EXT. POSTO VENEZA – NOITE

Posto vazio. Madrugada.

Leandro e Suely sentados em cadeiras de metal, à beira da estrada, perto das bombas de gasolina. Garrafa de cerveja a seus pés. Bebem em silêncio e olham os carros que passam.

101

Leandro olha para ela – carinhoso.

LEANDRO

Juro que eu achei que você tivesse bem aqui...

SUELY

(sorriso doce contido) Eu finjo... quero passar minha vida ganhando trocado não.

LEANDRO

O povo todo tá falando... Os cliente aqui do posto... Até no rádio. (pausa) Tão dizendo que você é minha rapariga e tudo...

SUELY

É inveja. (olha para ele, abre um sorriso)
Por que eu amo o senhor... E tô nem aí
pra eles.

Leandro sorri, olhar doce para a menina.

SUELY

Se preocupe não, viu?..
(sorriso choroso) Eu tô morrendo de raiva,
sim... (os olhos brilhando) Mas tô alegre.

Suely e Leandro se olhando de perto.

Leandro está com os olhos molhados. Suely dá um
beijo na boca de Leandro: um estalo, seco, só.

102 Leandro sorri. Suely volta a beber sua cerveja.
O posto vazio. Os dois sentados. O nada ilumina-
nado.

Silêncio.

71 – INT. BANHEIRO DO POSTO DE GASOLINA – NOITE

O banheiro é amplo e está vazio. Alguns shorts
masculinos pendurados, molhados. Suely
diante de um chuveiro, passa água no rosto,
está com os cabelos molhados, só de calcinha
e camiseta.

Bem ao fundo, fumando, na porta do banhei-
ro, vemos Ivonete. Observando a sobrinha, com
Italo Júnior no colo.

IVONETE

(preocupada) Disseram que vão te prender... Que isso é putaria.

SUELY

Ninguém prende ninguém por vender rifa, tia...

IVONETE

Não tô brincando não, Suely.
(pausa) Isso tá ficando perigoso...

Suely passa água no pescoço. Começa a se vestir. Ivonete continua olhando Suely. Tempo.

SUELY

Preciso de sua ajuda, tia.

103

IVONETE

Fale.

SUELY

Venda minha rifa comigo... (pausa) Te dou metade do dinheiro.

Ivonete fica olhando a sobrinha, sem palavras. Suely termina de colocar a camisa e a saia. Caminha até a tia – ao fundo – lentamente. Pára diante dela.

SUELY

Venda as minhas rifa, tia...
(pausa) Se a gente vender mais vai dar pra comprar sua lambreta...

(pausa) Vou comer um homem só e tirar dinheiro dos macho tudo dessa cidade ...
E eles que se danem, não é não?

Ivonete encara a sobrinha, respiração contida, olhar hesitante. Mas dá um meio sorriso de admiração.

SUELY

Brigada por me trazer meu menino querido...
(cautelosa mas firme) Sou que nem o Bruce Lee... Tenho medo nenhum de cara feia.

72 – EXT. PÁTIO DO POSTO VENEZA – NOITE

Pátio vazio. Leandro espera ao lado de seu carro. A mala azul de Suely no chão perto do carro. Leandro fuma no escuro.

Esperando. Silêncio.

73 – INT. SALA DE JÉSSICA – DIA

Manhã de sol na janela. O som (*off*) de desenho animado na TV. Suely, sentada de calcinha no sofá – depilando as pernas com um barbeador. Jéssica, sentada na porta de casa, com Italo Júnior nos braços, brincando com o menino.

Lá fora, os telhados vizinhos.

74 – EXT. CAFÉ LÍDER – DIA

Burburinho. Motos, carros e pedestres.

Suely caminha com Italo Júnior no colo, bloquinho de rifa na mão, chama a atenção dos homens, sorri. Olha a seu redor e conta algumas notas de 5 reais – cigarro preso à boca.

Cristina, 40 anos, chega caminhando ao fundo, até bem perto dela e pára, encarando. As duas se olham por um tempo. Suely sorri. Cristina de rosto fechado.

Caos sonoro em torno delas.

75 – EXT./ INT. FUNDOS DE LANCHONETE – DIA
Respiração pesada.

É uma área de serviço larga nos fundos de uma lanchonete simples – com tanque, baldes e um varal. Suely está de pé, perto de uma das paredes, respirando fundo, com Italo Júnior no colo e uma cara assustada.

105

Cristina está do outro lado da área, encarando Suely. Um homem magro, 30 anos, está fumando também, encostado em um canto ao fundo – olhos fixos em Suely.

Suely toma fôlego.

SUELY

(seca) Deixe eu ir embora...

CRISTINA

(cínica) Deixo, não...

SUELY

(seca) O menino tá com fome.

CRISTINA

(cínica) Esse filhinho de rapariga?...

SUELY

(seca) Eu não sou puta.

CRISTINA

(dura) Pois eu vou quebrar a tua cara mesmo assim...

SUELY

(respira – seca) Experimente... pode vir.

(pausa) Te juro que pelo menos um olho teu eu arranco.

106

Cristina olha para o Homem Magro – ele não reage, olhar fixo em Suely. Cristina se aproxima um pouco dela – se encaram.

SUELY

Problema é teu se teu homem tá querendo me comer...

Cristina dá um soco no estômago dela.

Suely bufa, engasga. Se encosta na parede.

Cristina se aproxima, fala perto de Suely.

CRISTINA

(assustada, mas firme) Eu vou mandar te prender, sabia?... Ficar se rifando pro homem das outras, no meio da rua, com essa cara lavada... ainda diz que não é puta. Mulher de verdade não faz isso não... Sortear a priquita, assim...

(pausa) Tu é uma merdona. Se achando esperta, né?... Avacalhando nossas rifa... É uma putinha. Só isso.

(pausa) Sorte tua que tem esse menino...

Suely respira devagar. Coloca-se diante de Cristina, ao fundo o Homem Magro continua fumando. Suely fala calma, dura, segura:

SUELY

Né, não,... A sorte tua é que eu tô com meu Italo Júnior no colo.

107

76 – EXT. ESTRADA DO POSTO VENEZA – NOITE
Silêncio. Estrada vazia.

Postes iluminados.

Suely parada, fumando, no meio da estrada. Os olhos molhados. Respira.

Suely está nervosa, fumando. Respira pesado, pensa... Jéssica chega caminhando com Italo Júnior no colo, para perto dela – a uns 4 metros. As duas amigas se olham. A estrada longa. Vazia. Suely dá um grito. De raiva. Para o vazio.

77 – INT. QUARTO DE JÉSSICA – NOITE

Silêncio.

Suely deitada só de calcinha no colo de Jéssica. Jéssica faz cafuné na menina. Italo Júnior deitado a seu lado – acordado.

O quarto silencioso.

78 – INT. SALA DE JÉSSICA – DIA

Suely fumando na sala. Ivonete sentada no sofá, caixa de sapatos com dinheiro, nas coxas.

Suely anda de um lado para o outro. Olha as fotos e os objetos de Jéssica. Encosta na parede.

Pára ao lado da geladeira – abre a porta – deixa o frio tocar seu corpo. Fica assim. Suor e frio.

108

Fumando.

Troca um olhar com Ivonete. Ivonete sorri. Um sorriso aliviado, de carinho.

IVONETE

Vendemos tudo, Suely...

(pausa longa – chorosa) Você é um sucesso, meu amor.

79 – INT. MERCADINHO / RUA – DIA

Um mercadinho de variedades em uma rua deserta – dois corredores com enlatados, frutas e refrigerantes.

Suely caminha pelo corredor, carregando um pacote de batatas e comendo um chocolate.

Chega até o caixa.

Um senhor encostado na porta olha para Suely com insistência e um certo desprezo – Suely se incomoda, abaixa o olhar. Paga. Pega suas sacolas e passa pelo senhor, sem levantar a cabeça. O senhor olha Suely passar, olha seu corpo. Suely dá uma meia virada de rosto para trás, segue pela rua, se afastando, cabeça baixa, olhos no chão.

O senhor fica na porta do mercadinho, olhando ela se afastar.

109

80 – EXT. RUAS DE IGUATU – DIA

Suely anda por ruas periféricas ao mercado de Iguatu e algumas pessoas a seguem com o olhar. Ela nota, mas tenta ignorar, olhos no chão, segue em frente.

81 – EXT. TRILHOS – DIA

Suely vem caminhando, carregando as sacolas, se aproximando dos trilhos de trem – vai atravessá-los. Ao fundo, vemos uma moto em alta velocidade. A moto vem se aproximando – acelera.

Passa por Suely por sobre os trilhos – é Luis. Ouvimos a moto frear.

Suely agora está sobre os trilhos – diante da moto atravessada de Luis, um nível abaixo. Eles não falam nada, Luis acelera a moto, como um bicho. Suely abaixa o olhar de novo.

LUIS

Desiste. Esquece da rifa.
(pausa) Tô pedindo...

SUELY

(se aprumando) Desisto, não. Te disse prá não me procurar mais.

LUIS

Tá fazendo isso porque gosta de mim.

110

SUELY

Não me importo. Me deixa.

LUIS

Eu vou comprar todos os bilhetes que eu conseguir... Eu vou comprar o bilhete do ganhador.

Suely sorri – encantada.

LUIS

Esquece o merda do Italo.

SUELY

(seca) Eu quero mais que Italo tenha morrido atropelado. Amassado por uma carreta.

LUIS
Então é o quê?

SUELY
(seca) Sei não, Luis.

Luis fica olhando para ela, salta da moto.

LUIS
Suely... fica comigo.
(quase sussurrando) Faz isso, não.

Suely está imóvel, respira, respira... e explode!:
chora, chora, chora!

Um choro alto e soluçante. Forte. Choro de entortar o rosto e deixar vermelho. Luis não sabe o que fazer, só olha. Suely começa a caminhar, passa por ele e segue.

Luis começa a segui-la, empurrando a moto. Andam um pouco, Luis atrás. Luis pára – os olhos cheios d'água.

Suely segue caminhando, chorando muito, muito. Alto.

Não olha para trás.

82 – INT. LOJA DE ROUPAS

Uma loja de roupas comprida. Fileiras de roupas coloridas, simples. Luciene caminha entre os cabides, Italo Júnior nos braços, olhando um pouco de tudo. Olhos molhados.

Suely sai do provador: vestido novo. Sorriso quase forçado, mas feliz.

LUCIENE

Ficou lindo.

SUELY

Ficou...

(sorriso) Agora eu só gosto de coisa bonita...

83 – INT. BANHEIRO DE JÉSSICA – DIA

Silêncio. Chuveiro ligado. Um banheiro pequeno. Ivonete está encostada na porta, olhando para dentro.

112 Suely está com o vestido novo, molhada, cabelo molhado – Jéssica está desembaraçando seu cabelo com um pente fino. Suely se olha no espelho – vira o rosto de um lado para o outro devagar – se acha bonita. Passa um batom vermelho. Olhar seco. Frio.

Ivonete sorri. Jéssica ri, acha graça do jeito de Suely. Suely séria – olhos no espelho.

Ao fundo, um varal de calcinhas coloridas.

84 – EXT. ESTRADA MOTEL – NOITE

Ivonete, de capacete, pilota sua lambreta nova, vermelha, com Suely na garupa, linda de roupa nova – segurando os cabelos para protegê-los do vento.

Seguimos com a moto pela estrada. O caminho é longo.

O som da moto soa como um murmúrio no vazio.

85 – INT./ EXT. – POSTO BARREIRAS – NOITE

O Posto Barreiras iluminado. Parece um discovoador.

Suely está encostada numa pilastra, na beirada do restaurante-lanchonete. Suely come um sanduíche de queijo, coloca *ketchup*, com pote na mão – olha a seu redor. Ao fundo, Ivonete come um pedaço de pudim – distraída.

Suely caminha um pouco, olha o posto. Pára. Ivonete se aproxima de Suely, vindo do fundo – pára a seu lado, acende um cigarro.

113

IVONETE

Ele já vem, já... Vai dar tudo certo.

SUELY

(sem parar de comer) E a voz?... Bonita, tia?

IVONETE

Voz de homem, Suely. Só isso.

86 – INT. RECEPÇÃO MOTEL – NOITE

Mão fina sobre cabelos grossos. Ivonete está com a cabeça deitada nas pernas de Tânia, que lhe faz um cafuné. Ivonete está séria, olhar triste. Diante delas, uma TV exibe um filme pornô.

Os sons do pornô tomam conta do espaço. Ivonete vê o filme. Tânia olha Ivonete.

TÂNIA

Suely perguntou se a gente tava namorando.

IVONETE

E você respondeu o quê?

TÂNIA

Falei nada.

Tempo.

IVONETE

Eu quero te levar pra Fortaleza, pra praia.

TÂNIA

Final do mês a gente vai.

IVONETE

Como é isso de ver filme pornô todo dia? Cansa não? ...

TÂNIA

Muita pomba, muita buceta. Os cliente pede, né? Ligo não. Nem presto mais atenção. Quando tem história eu vejo.

IVONETE

E desde quando putaria tem história?

TÂNIA

Tem não. Mas às vezes eu invento.

IVONETE

E como é isso?

TÂNIA

Tá vendo esses dois aí? É isso: eu invento.

IVONETE

E fica melhor de ver?

TÂNIA

Tem uns que ficam uma merda... outros ficam lindos. Quer que eu invente uma pra esses aí?

115

IVONETE

Eu quero é te levar na praia, Taninha.

TÂNIA

Tô sabendo já. A gente vai.

87 – INT. QUARTO MOTEL – NOITE

A suíte do motel é decorada com exagero. Iluminação colorida, cama redonda, espelhos em volta cama, muito cromo, napa branca, rosa e verde. Um radinho toca a mesma música que escutamos na recepção, onde estão Tânia e Ivonete.

Suely está de pé, diante de um rapaz de 23 anos, sentado na cama com um bilhete de rifa na mão: arrumado, cabelo molhado, calça jeans

– Gleidson. Longo silêncio. Ele é meio sem jeito, quase atraente.

Ela o beija burocraticamente, dura de corpo. Ele pára de beijá-la e se afasta, sentando-se na beirada da cama. Ela não sabe o que fazer. Muito menos ele.

Ela pára Gleidson com atenção. Vai beijá-lo, mas ainda continua tímida.

Suely tem uma expressão inocente. Não sabe bem o que fazer.

Ela se dirige ao rádio do quarto, sintoniza em outra estação, depois outra, procura e finalmente pára numa estação de música internacional. *Careless Whispers*.

116

SUELY

Adoro essa música.

GLEIDSON

Eu também.

Suely aumenta o volume, até o máximo. A música agora preenche o quarto. E subitamente Suely começa a dançar, uma coreografia parecida com a de dançarinas de programa de calouro, misturada com um *strip-tease*.

Gleidson diminui a luz, e observa. Ele também não sabe o que fazer.

Ela está sem jeito e não consegue imprimir sensualidade aos seus movimentos. Mas o corpo da moça deixa Gleidson excitado.

GLEIDSON

Assim, deixa eu ver... Vira.

Ela solta as alças dos ombros, deixa o vestido cair. Gleidson fica mais excitado. Ele diminui a luz e começa a tirar a roupa, sem tirar os olhos dela. A cena é ao mesmo tempo engraçada e dolorosa. Julieta Massina tentando fazer o papel de Cicciolina, um anjo caído, uma incongruência. Gleidson se aproxima, começa a beijá-la. Ansioso, ele a conduz até a cama. Vontade de foder, de consumir o prêmio.

Suely está só de calcinha, caminhando até perto dele. Gleidson está nu, se deita. Suely se deita sobre ele, rosto perto de rosto.

Gleidson começa a beijá-la. Suely se solta do beijo e começa a beijar seu pescoço, sua orelha. Gleidson começa a beijá-la com força.

Foda. Suely leva a mão até o pau de Gleidson e o ajeita na buceta, se arruma. Gleidson passa a mão por seu corpo nu e geme quando seu pau entra nela. Suely está de olhos fechados, começa a mexer lentamente. Sexo em tempo real.

Gleidson de olhos arregalados, sorriso de gozo, assustado. Suely acelera os movimentos – aperta os braços de Gleidson com força.

88 – INT./ EXT. BANHEIRO MOTEL – AMANHECER

É um banheiro de alvenaria – sem teto. O céu amanhecendo tem uma cor azul-violeta. Suely toma banho debaixo de um chuveiro-bica. A água cai com força em seu corpo nu, e lambe toda a sua pele.

Um banho longo, demorado, silencioso.

89 – EXT. FACHADA MOTEL – AMANHECER

Saída do motel – portão se abrindo e revelando a estrada lá fora. Um Fiat Uno sai do motel – Gleidson no volante. Suely ao lado dele.

90 – INT./ EXT. CARRO GLEIDSON / ESTRADA MOTEL – DIA

118

A moto de Ivonete voltando pela mesma estrada. Na garupa, Tânia segura firme. Seguimos pela estrada e encontramos o Fiat velho de Gleidson.

Suely a seu lado observa a tia pelo retrovisor lateral – a tia acena de longe – seguindo o carro. Suely volta o olhar para dentro do carro, Gleidson está compenetrado ao volante.

Suely olha para frente. Manhã de sol. Descampado.

Uma árvore solitária se destaca no horizonte. Viagem longa, silenciosa. O motor do carro chiando.

GLEIDSON

Você vai pra onde, Suely?

Suely olha de leve para Gleidson e continua olhando para longe.

GLEIDSON

Te deixo aonde, Suely?

91 – EXT. ESCADA / TETO CASA DE JÉSSICA – DIA
Suely e Jéssica estão sentadas lado a lado. Suely com Italo Júnior no colo. Suely com a roupa do motel. Os pés das amigas pisando o telhado da casa vizinha. Calcinhas no sol.



As duas amigas continuam assim, sentadas de costas – à frente delas, os telhados da cidade.

SUELY

Eu enfiei a agulha no colchão, mas não adiantou de nada.

JÉSSICA

Comigo sempre foi tiro e queda, toda vida brochavam.

SUELY

Pois esse não.

Sorrisos.



JÉSSICA

E aí, pelo menos gozou direito?

SUELY

Gozei...(leve sorriso)

Suely se deita, olhos para o céu. A luz do sol impiedoso incandeia sua visão.

Tela branca.

92 – INT./ EXT – RODOVIÁRIA – DIA

Sol lá fora.

A rodoviária com pouco movimento.

Suely está diante de um guichê de passagens, nervosa, esperando com um cigarro apagado na boca. A atendente aparece – bebendo café, calma.

121

ATENDENTE

Diga.

SUELY

(nervosa) Qual a passagem pra mais longe que a senhora tem?

ATENDENTE

É Pelotas.

SUELY

E onde é isso?

ATENDENTE

No sul. Rio Grande do Sul.

SUELY

E quanto é?

ATENDENTE

R\$465,00.

SUELY

(pensa um pouco) E antes disso? Quanto é?

ATENDENTE

Tem Florianópolis. R\$444,00.

SUELY

E antes?

ATENDENTE

Curitiba... R\$380,00.

SUELY

(acelerada) Faz assim, me anote isso num papel, por favor.

ATENDENTE

Isso o quê?

SUELY

Tudo. Anote isso tudo aí num papel e me dê, por favor.

93 – INT. SALA DE ROSÁRIO – DIA

Suely está perto da janela entreaberta, Italo Júnior no colo, olhos vermelhos e molhados, cochicha alguma coisa pro menino.

Aperta ele no peito.

Cochicha mais um pouco, como quem conta um segredo.

Rosário e Ivonete estão sentadas em torno da mesa, quietas. Suely se aproxima e entrega Italo Júnior para a vó. As três mulheres estão com os olhos vermelhos e molhados de choro, mas não estão mais chorando.

Ivonete está fungando, limpa o nariz na manga da camisa. Suely se senta e pega fôlego, firme e seca:

SUELY

São três dias de viagem pra Curitiba. Já tá tudo certo. Uma amiga que trabalhou comigo em São Paulo agora tá morando, lá. Diz que rapidinho eu arrumo um serviço bom em casa de família... R\$70,00 por dia.

Suely se levanta e vai até o quarto, procura algo no armário, e volta. (*off*) Entra na sala novamente com a caixa onde guarda o dinheiro da rifa.

SUELY

(pausa) Tô deixando o dinheiro da rifa com a tia, vó. R\$3.500,00. Pega ele e compra essa



casinha aqui pra senhora... Pra gente.
(pausa) E ajuda a tia a pagar a lambreta
dela que é linda de morrer.
(pausa) Ligo quando eu chegar lá. Tô le-
vando um tanto que dá pra me segurar
por um tempo...

Ivonete e Rosário escutam Suely quase imóveis,
olhos molhados, não a encaram.

SUELY

Quando eu chegar, eu ligo aqui, no co-
munitário... Compre um ventilador bem
grande, vó.
(pausa) Isso aqui é quente demais...

(pausa) Diz que agora é inverno no Sul...
Frio mesmo. Um frio de lascar.

Italo Júnior dorme nos braços de Rosário, em silêncio. Suely fuma. As duas mulheres não sabem o que fazer – silêncio.

**94 – EXT. ESTRADA POSTO BARREIRAS / MOTO
– AMANHECER**

A leve luz da manhã banha o rosto de Luis... dirigindo sua moto na perimetral de Iguatu. Ficamos com ele por um bom tempo, sem capacete. Ele segue, velocidade média, olhos determinados.





95 – EXT. ESTRADA POSTO BARREIRAS – DIA
Silêncio. Estrada na saída de Iguatu. À direita, no horizonte, o Posto Barreiras, onde chegou Suely.

Em volta, o descampado e a planície que circundam a cidade. Um dia de céu azul, muito azul. Vemos agora a moto de Luis, que segue um ônibus.

Passa ônibus. Passa moto.

96 – INT. ÔNIBUS – DIA

Sol. Motor.

Suely está dentro do ônibus – olhando pela janela, encostando o rosto no vidro da janela.

O barulho do motor do ônibus. A estrada esburacada. Suely aperta o rosto contra o vidro mas não consegue ver nada. O sol queima tudo lá fora. Suely fecha os olhos.

97 – EXT. ESTRADA FINAL 1 – DIA

Estrada de lado. A planície se estende ao fundo. Sol.

Barulho de motor enche a imagem.

Plano fixo, o ônibus passa em alta velocidade, da direita pra esquerda – corta a imagem.

Plano aberto, longo, documentando tudo:

O ônibus que se afasta, a estrada, o amanhecer meio úmido. A moto que vai logo atrás e persegue o ônibus – se afastando.

Uma tristeza e uma alegria sem fim. Uma placa afixada num arco de metal anuncia: *AQUI COMEÇA A SAUDADE DE IGUATU.*

127

O ônibus e a moto desaparecem no horizonte. Só o vazio. O som dos motores em primeiro plano (*off*).

Subitamente, a moto engasga, engasga e pára (*off*).

A estrada vazia, o barulho do ônibus (*off*) que se afasta e a moto que morre.

Luis tenta uma, duas vezes, três vezes: consegue religar a moto.

Ficamos com a estrada vazia. O plano continua. Motor ligado (*off*).

Agora vemos um ponto metálico voltando no horizonte: uma moto à meia velocidade, que vem se aproximando, aproximando...

É Luis. Sozinho na moto. Longo caminho...
A moto passa pela câmera e some novamente. O som da moto (*off*) se afasta cada vez mais. O horizonte vazio, enorme, sem fim. O rugido da moto de Luis se perde no silêncio da paisagem.

Corte para negro.

Sons metálicos, espaço sideral – longamente.

FIM



OCEU DE SUELY

UN FILME DE KATIA ANDUZ COM VERA LIA BORGES

Ficha Técnica

Videofilmes, Celluloid Dreams e Shotgun Pictures

Apresentam

O Céu de Suely

Com

Hermila Guedes

Georgina Castro

Maria Menezes

João Miguel

Zezita Matos

E as crianças

Mateus Alves e Gerkson Carlos

Participações Especiais

Marcélia Cartaxo e Flávio Bauraqui

Direção: Karim Aïnouz

Produção: Walter Salles, Mauricio Andrade Ramos, Hengameh Panahi, Thomas Häberle e Peter Rommel

Produtores Associados: Christian Baute e Luís Galvão Teles

Produção Executiva: João Vieira Jr.

Co-Produção: Fado Filmes

Argumento: Simone Lima, Karim Aïnouz e Maurício Zacharias

Roteiro: Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Fotografia: Walter Carvalho A. B. C.
Direção de Arte e Figurino: Marcos Pedroso
Preparação de Elenco: Fátima Toledo
Montagem: Isabela Monteiro de Castro e Tina
Baz Le Gal
Direção de Produção: Dedete Parente Costa
Maquiagem e Cabelo: Marcos Freire
Som Direto: Leandro Lima
Edição de Som: Waldir Xavier
Mixagem: Branko Neskov A. C. S.
Música: Berna Ceppas e Kamal Kassin

Brasil, França, Alemanha, Portugal, 2006, Cor,
35mm, 88 min

Prêmios e Festivais

28° Festival Internacional do Novo Cinema Latino-americano de Havana (Cuba)

- Melhor Filme
- Melhor Atriz

APCA – Associação Paulista dos Críticos de Arte

- Melhor Filme do Ano
- Melhor Diretor
- Melhor Atriz

Festival Internacional de Bratislava (Eslováquia)

- Melhor Atriz

10° Festival de Cinema Luso Brasileiro (Santa Maria da Feira – Portugal)

- Melhor Filme
- Prêmio da Crítica

2° Festcine Goiânia/GO

- Melhor Diretor
- Melhor Atriz
- Melhor Coadjuvante (Zezita Mataos)

44° Festival Internacional de Cinema de Gijon (Espanha)

17° Festival Internacional de Cinema de Stockholm (Suécia)

- Competição Internacional

47º Festival Internacional de Thessaloniki (Grécia)
– Prêmio da Crítica Internacional (Fipresci)
– Melhor Roteiro
– Prêmio de Mérito Artístico

30ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo
– Competição Novos Diretores

Prêmio Itamaraty para o Cinema Brasileiro
– Melhor Filme

Festival do Rio
– Première Brasil
– Melhor Filme
– Melhor Diretor
– Melhor Atriz

134

Festival de Toronto (Canadá)
– Seleção Oficial
– Contemporary World Cinema

Festival de Veneza (Itália)
– Seleção Oficial
– Mostra Orizzonti

Festival Internacional de Cinema de Rotterdam
(Holanda)
– Time & Tides

22º Festival Internacional de Cine de Mar Del
Plata (Argentina)
– Menção Especial – Mostra Latino Americana

3º Prêmio Bravo! Prime de Cultura
– Melhor Filme

Sarajevo Film Festival 2007 (Bósnia e Herzegovina)
– Mostra Panorama – filme de abertura

International Film Festival of Kerala 2007 (Índia)
– Mostra Competitiva

New Zealand International Film Festival 2007
(Nova Zelândia)

52º Sidney Film Festival (Austrália)

New Directors – New York (Estados Unidos)

Seattle International Film Festival 2007 (Estados
Unidos)

135

10º Festival de Lima (Peru)

10º Festival Internacional de Cinema de Punta
Del Este (Uruguai)
– Melhor Filme

3º Festival Cinema Brasil (Japão)
– Melhor Longa-metragem

30º Festival Sesc dos Melhores do Ano
– Melhor Diretor - Crítica

Notas de Imprensa

Uma jóia rara no cinema brasileiro.

O Estado de S.Paulo

Veneza elogia o lírico filme de Karim Aïnouz.

AFP

É um filme sincero e lírico.

Il Gazzettino

Arrebatador e singelo.

O Globo

137

Além de atraente, Hermila traz delicadeza e carisma para seu personagem.

Variety



Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Roteiro	11
Ficha Técnica	131
Prêmios e Festivais	133
Notas de Imprensa	137



Crédito das Fotografias

Fotos de Kirsten Johnson

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

Cidade dos Homens

Roteiro de Paulo Morelli e Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção: Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia

Alcides Nogueira

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro

Ivam Cabral

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista – O Fingidor – A Terra Prometida

Samir Yazbek

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrendo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 156

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Cinema Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Assistente	Edson Silvério Lemos
Editoração	Aline Navarro dos Santos
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	José Vieira de Aquino

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

O céu de Suely / argumento de Simone Lima, Karim Aïnouz e Maurício Zacharias; roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

156p. : il. – (Coleção aplauso. Série cinema Brasil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-585-6

1. Cinema – Roteiros 2. Cinema – Brasil - História 3. O céu de Suely (Filme cinematográfico) I. Lima, Simone. II. Aïnouz, Karim III. Zacharias, Maurício IV. Bragança, Felipe V. Ewald Filho, Rubens . VI. Série.

CDD 791.437 0 981

Índices para catálogo sistemático:

1. Filmes cinematográficos brasileiros: Roteiros 791.437 098 1

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
(Lei nº 10.994, de 14/12/2004)

Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109
Demais localidades 0800 0123 401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

editoração, ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 2799-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br

Co-roteirista de *Abril Despedaçado*, *Cidade Baixa*, *Cinema*, *Aspirinas* e *Urubus*, o cearense Karim Aïnouz fez sucesso internacional com seu longa de estréia *Madame Satã* (2002). Acertou novamente com *O Céu de Suely* (2006), co-escrito com Maurício Zacharias (também de *Madame Satã*), Felipe Bragança, com argumento de Simone Lima e Karim.



Um filme que acumulou muitos prêmios, entre os quais os de melhor atriz para Hermila Guedes e o prêmio Grand Coral em Havana; melhor atriz em Bratislava; melhor roteiro, crítica e contribuição artística, em Thessaloniki; além de melhor atriz, filme e diretor na APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte).



Conta a história de Hermila, jovem cearense que vivia em São Paulo, e retorna com seu bebê para Iguatu, sua cidade natal encravada no interior do Nordeste. Vivendo com a avó e a tia, à espera do namorado, que não vem, ela retoma um antigo caso (João Miguel). Na falta de dinheiro e de perspectivas, Hermila, agora Suely, resolve rifar a si própria, prometendo ao ganhador *uma noite no Paraíso*, o que provoca grande escândalo no povoado.



Co-produzido por Walter Salles, com fotografia de Walter Carvalho, o filme foi exibido nos Estados Unidos como *Love for Sale*. O roteiro de *O Céu de Suely* ganha agora uma publicação na **Coleção Aplauso**, uma iniciativa que resgata e preserva nossa memória cultural.

ISBN 978-85-7060-585-6

